



FUNDAÇÃO
TELEFÔNICA
vivo

NARRATIVAS DIGITAIS

Narro, logo existo!

Registrar meu mundo e construir histórias.

```
0001100010001
0101010010001
0010001000100
1000101011001
0010010001010
```

V _ *

© 2021

Fundação Telefônica Vivo

Fundação Telefônica Vivo

Diretor-Presidente: Americo Mattar

Coordenadora de Projetos Sociais: Luciana Scuarcialupi

Equipe de Projetos Sociais: Beatriz Piramo Torres de Oliveira

Equipe de Comunicação: Tatiana Gimenes Pereira

Parceiro Executor do Projeto:

Instituto Conhecimento para Todos – IK4T

Coordenação Editorial: Mônica Mandaji

Organização e Textos:

Mônica Mandaji

Ricardo Dualde

Vanessa Reis

Professora Fernanda Rodrigues de Oliveira

Revisão:

Dávius Sampaio

Vinicius Garcia Ribeiro Sampaio

Apoio Pedagógico: Dulce Ângela da Silva

Consultoria Técnica:

Professora Fernanda Rodrigues de Oliveira



Esta obra está licenciada pela Creative Commons.
Atribuição Não Comercial. Sem derivações 4.0 Internacional.


 ÍNDICE

Sobre a Fundação Telefônica Vivo	4
Programa Pense Grande	5
Coleção de Tecnologias Digitais	7
Introdução às Narrativas Digitais	10
Aula 1 – Qual é o meu ponto de vista sobre o mundo?	21
Aula 2 – Registrando o meu mundo para criar universos	33
Aula 3 – O que é importante para mim é o que me transforma	40
Aula 4 – Você em foco	43
Aula 5 – História da comunicação x comunicação pessoal	46
Aula 6 – Quem conta um conto aumenta um ponto: elementos da narrativa e público-alvo	51
Aula 7 – O que faz a minha história ser uma história?	58
Aula 8 – Os perigos de uma história única	66
Aula 9 – Escrevendo uma narrativa	76
Aula 10 – Desenvolvendo o olhar crítico: o apoio e a reescrita – Parte 1	79
Aula 11 – O ponto de vista é a vista de um ponto	90
Aula 12 – Minha história sob outro ponto de vista	107
Aula 13 – Desenvolvendo o olhar crítico: o apoio e a reescrita – Parte 2	110
Aula 14 – Próximos passos: o que fazer com a minha narrativa? – Parte 1	113
Aula 15 – Próximos passos: o que fazer com a minha narrativa? – Parte 2	119
Aulas 16 e 17 – Definindo o projeto de veiculação da narrativa	121
Aulas 18, 19 e 20 – Dando vida à minha narrativa	126
Aulas 21 e 22 – Qualificação do projeto	128
Aula 23 – Aprimorando o projeto	130
Aulas 24 e 25 – Culminância: planejando a Mostra Narrativas Digitais	131
Aulas 26 e 27 – Culminância: preparando a Mostra Narrativas Digitais	136
Aulas 28 e 29 – Culminância: realizando a Mostra Narrativas Digitais	138
Aulas 30 e 31 – Avaliação da Mostra e dos projetos apresentados	139
Aula 32 – Avaliação da eletiva	142



SOBRE A FUNDAÇÃO

Sobre a Fundação Telefônica Vivo

Desde 1999, a Fundação Telefônica Vivo trabalha para gerar transformação social. Somos o braço de responsabilidade social da Vivo, empresa que faz parte do Grupo Telefônica e que, por meio dos nossos programas e projetos, contribui para o desenvolvimento da sociedade, parte essencial da missão de sustentabilidade do negócio.

Nosso foco é a educação e utilizamos a tecnologia para gerar metodologias disruptivas, com projetos voltados principalmente para educadores e estudantes. Investimos na formação e fluência digital de educadores, na inovação da prática pedagógica e na difusão da cultura do empreendedorismo social e do ensino de programação.

Geramos novas oportunidades de ensino e aprendizagem, guiados por nosso compromisso em fazer da educação uma pauta prioritária para o país.

Acreditamos na educação como pilar essencial de transformação da sociedade e em seu poder de garantir o empoderamento e protagonismo de crianças e jovens. Por isso, desenvolvemos projetos que têm como base o potencial humano e que utilizam a tecnologia como instrumento a favor da inclusão e da cultura digital.



PENSE GRANDE

Programa Pense Grande

É por meio do **Programa Pense Grande** que a Fundação Telefônica Vivo convida jovens de todo o Brasil a pensar no seu projeto de vida e na sua comunidade, compreendendo o empreendedorismo social e as tecnologias digitais como potenciais aliados na solução dos desafios que se apresentam em nosso mundo atual. Para isso, o Programa oferece oportunidades de desenvolvimento para os jovens nos temas de **empreendedorismo social, tecnologias digitais e projeto de vida**, alinhadas às competências estabelecidas para a educação básica pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e voltadas ao Ensino Médio, apoiando, desse modo, a implementação de políticas públicas de educação.

Criado em 2013, com atuação em diferentes territórios do Brasil, o Pense Grande começou sua trajetória junto a organizações sociais no tema de empreendedorismo e, atualmente, se desenvolve também em parcerias com as redes públicas do Ensino Médio – regulares e técnicas –, por meio da disponibilização de formações para educadores e estudantes, além da produção de conteúdos multimídia para consumo digital nos três temas a que se dedica.

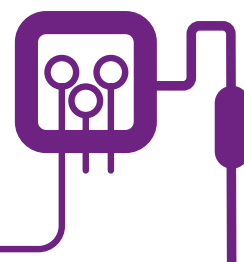
Esse trabalho junto aos jovens se estruturou, inicialmente, em três pilares – impacto na comunidade, atitude empreendedora e tecnologia – com o objetivo de oferecer a oportunidade de vivenciar o empreendedorismo social de impacto positivo na comunidade com o uso da tecnologia digital, inspirando-os a gerar soluções para problemas socioambientais e contribuindo, assim, para o desenvolvimento de seus projetos de vida e de suas competências empreendedoras.

Recentemente, a atuação em tecnologias digitais, que atende à quinta competência básica da BNCC – cultura digital –, foi a resposta para a necessidade social contemporânea de compreender as tecnologias e suas relações para além do papel de meros usuários, capacitando professores e estudantes a criar, interagir e usufruir dessa tecnologia de modo que ela esteja a seu serviço, facilitando processos, reduzindo o uso de recursos e ampliando possibilidades de escolhas e de soluções para as questões de uma realidade cada dia mais dinâmica e fluida.

Completando sua proposta e se voltando ao elemento humano, que dá propósito aos demais, o Pense Grande lança-se agora ao diálogo com a sexta competência básica – trabalho e projeto de vida –, em que o educador atuará como um facilitador, que orienta e estimula o jovem

a conhecer a si e ao mundo que o cerca para que, assim, identifique seus objetivos pessoais, acadêmicos, profissionais e seu papel como cidadão, reconhecendo-se capaz de protagonizar sua história e traçar os próprios caminhos que o levarão a uma vida satisfatória em diferentes aspectos.

Nesse contexto de necessárias transformações, o Programa Pense Grande pretende apoiar as diversas redes de ensino brasileiras, suas escolas e educadores, no desafiador propósito de desenvolver integralmente as juventudes pela soma de indivíduos aptos à prática de escolhas conscientes, alicerçadas na ética, no respeito aos valores universais e, ainda, comprometidos com uma sociedade mais justa e diversa, que promova a igualdade de direitos e deveres com oportunidades para todos.





COLEÇÃO

COLEÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

É preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para vivenciar relações sociais influenciadas pela presença das tecnologias digitais e apoiá-los a encarar o mundo do trabalho, que exigirá ações e conhecimentos em construção.

Essa coleção está alinhada com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e contribui para o fomento da cultura digital dentro das escolas e o desenvolvimento de competências digitais dos jovens estudantes.

A coleção conta com temas essenciais e do cotidiano de todos para que os jovens estejam aptos a usar elementos das tecnologias digitais na resolução de problemas, no desenvolvimento da criticidade e da participação social, ampliando assim sua forma de expressão e compreensão da sociedade do século XXI.

Desenvolvimento de competências digitais

A tecnologia nos últimos trinta anos, em especial a digital, evoluiu socialmente de forma revolucionária não só o modo como vivemos, mas também como aprendemos. A quantidade de recursos digitais desenvolvidos especialmente para apoiar o processo de ensino-aprendizagem tem se disseminado mais a cada dia: jogos eletrônicos, plataformas digitais, aplicativos e softwares educacionais, dentre outros, apresentando uma cartela de opções variadas para educadores que desejam tornar as suas aulas mais lúdicas, interessantes, atrativas e interativas.

A cultura digital aparece entre as dez competências gerais definidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que propõe, por meio da competência nº 5, que os alunos compreendam, utilizem e criem tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética para comunicação, acesso e produção de informações e conhecimentos, resolução de problemas e realização de protagonismo e autoria.

A BNCC aponta o ensino de linguagens de programação, além do domínio de uso de algoritmos e análise de dados, como o caminho para a formação de uma nova geração que não será composta apenas por usuários de tecnologia, mas por provedores de novas soluções para atender às demandas do século XXI, em que as conexões e interações ocorrem em plataformas digitais.

Vale ressaltar que os estudantes hoje vivem no que chamam de “mundo VUCA” (incerto, complexo, volátil e ambíguo), um mundo no qual as empresas, os serviços e o empreendedorismo já registram um aumento significativo na busca por perfis de pessoas com habilidades e competências de Pensamento Computacional, programação e robótica para áreas que não estão especificamente relacionadas à programação, justamente por conta da visão sistêmica, de etapas e lógica.

No contexto da BNCC sobre o ensino médio (2019, p. 65), tem-se como foco a **Competência Específica nº 7**, no que tange ao ensino das **“Linguagens e suas Tecnologias”**: “Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se

em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva”. Nela se inscrevem as seguintes habilidades:

“(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.”

“(EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.”

“(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.”

“(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.”

Eno ensino da **“Matemática e suas Linguagens”**, a **Competência Específica nº 4**, (BNCC, 2019, p. 106): “Compreender e utilizar, com flexibilidade e fluidez, diferentes registros de representação matemáticos (algébrico, geométrico, estatístico, computacional, etc.), na busca de solução e comunicação de resultados de problemas, de modo a favorecer a construção e o desenvolvimento do raciocínio matemático, descrito na habilidade:

“(EM13MAT406) Utilizar os conceitos básicos de uma linguagem de programação na implementação de algoritmos escritos em linguagem corrente e/ou matemática. (BNCC, 2019, p. 107).”

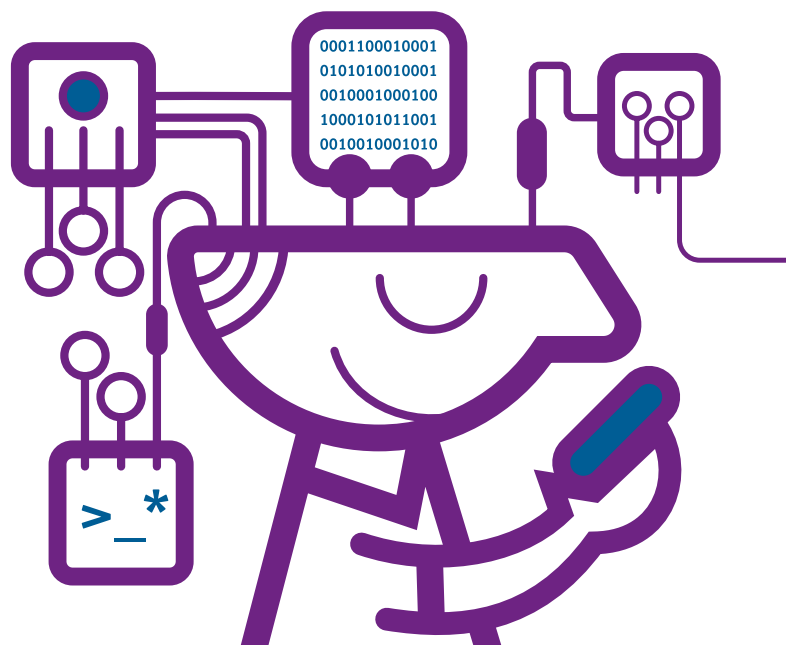
Diante da realidade de jovens que estão se preparando para trabalhar em profissões que ainda não existem e que terão que resolver problemas que ainda não foram articulados, fica o convite para que professores conheçam e experienciem esta coleção.

Temas que compõem a Coleção de Tecnologias Digitais

1. **Pensamento Computacional:** quando vemos lógica computacional na solução dos problemas do dia a dia.
2. **Narrativas Digitais:** narro, logo existo! Registrar meu mundo e construir histórias.
3. **Hackeando Futuros:** desenvolvendo habilidades de programação para resolução de problemas.
4. **Jogos de Ativismo:** o que um gato pode ensinar para o computador?
5. **Alô, Mundo!:** lógica de programação e autoria.
6. **Eu, Robô!:** robótica sustentável de baixo custo.

O que a Coleção de Tecnologias Digitais oferece:

1. **Cadernos** – Seis cadernos com temas da cultura digital organizados em 32 aulas conceituais e mão na massa, direcionadas a estudantes dos territórios brasileiros.
2. **Formação de professores** – Parceria com o projeto Escolas Conectadas, que oferece seis cursos de formação para professores nas temáticas abordadas nos cadernos da coleção com a intenção de apoiar o professor conceitualmente na aplicação desses conteúdos em sala de aula.
3. **Suporte de materiais** – Está disponível aos professores um vasto material de apoio ao tema. Acesse: Programaê! (programae.org.br)





INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO ÀS NARRATIVAS DIGITAIS

Caro(a) professor(a), ao longo das décadas, a habilidade de contar histórias e se colocar no mundo está sendo cada vez mais solicitada, seja no campo pessoal (com as mídias sociais), seja na área acadêmica (com a escrita de artigos e defesa de teses), ou na vida profissional (ao lidar com clientes, por exemplo). Entretanto, para narrar uma história é preciso, primeiro, entender qual é a história que cada um pode contar.

Segundo Paulo Freire (2002, p. 32), a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Sendo assim, é importante que tanto você, professor(a), quanto seus estudantes analisem e compreendam o mundo à sua volta, e como ele é parte constituinte de cada um. Compreender o mundo e o papel de cada um nele possibilita não apenas escolher as narrativas que devem ser perpetuadas, mas também construir este texto – seja ele oral ou escrito – e definir a melhor maneira de difundi-lo. Relembrando o que nos aponta em seus estudos, a linguista Ingedore Villaça Koch reforça essa ideia ao dizer que:

- a. A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades;
- b. Trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal;

- c. É uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual. (KOCH, 2009, p. 25).

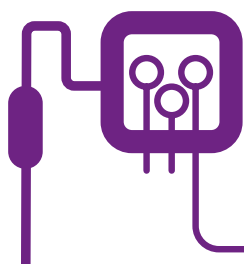
Como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê, a escola deve promover o desenvolvimento de habilidades e competências de seus estudantes. Pensando no ensino médio, especialmente na área de Linguagens e Tecnologias, tem-se como foco a:

[...] ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias. (BRASIL, 2018, p. 471).

Por isso, este documento propõe não só desenvolver as habilidades comunicacionais, mas o alinhamento com o protagonismo

dos alunos. Por meio do registro do diário, os estudantes poderão observar as narrativas ao seu redor e o seu processo de criação e autonomia. Como é possível ver, em várias aulas os alunos serão convocados a buscar informações e a construir conhecimentos para serem compartilhados com você e os colegas de turma. Além disso, propõe-se que eles sejam responsáveis não apenas pela produção de uma narrativa, mas por toda a organização da culminância. Essa metodologia ativa (baseada no conceito de “aula invertida”) também ajuda a desenvolver habilidades socioemocionais, a exemplo da cooperação, empatia e resiliência, gerando um senso de protagonismo, de se estabelecer respeitosa e consigo mesmo e ser cooperativo com o grupo em que se está inserido.

Retomando a ideia freiriana, a partir do momento em que você, professor(a), for capaz de ler o mundo dos seus alunos, poderá adaptar o que é proposto neste documento – seja alterando seus exemplos, seja encurtando ou alongando as atividades sugeridas aqui, em função das necessidades e da realidade da sua comunidade escolar.



Justificativa

Contar histórias é uma atividade intrínseca da espécie humana que a ajuda a perpetuar os conhecimentos e experiências a partir da sua transmissão de geração a geração. Embora façamos isso naturalmente, o uso da linguagem pode ser aprimorado de maneira que os interlocutores transmitam a mensagem de modo mais objetivo (dentro de suas complexidades) entre os seus pares.

Ao longo dos séculos, as pessoas começaram a desenvolver teorias, técnicas e veículos de comunicação para contar histórias rapidamente, com o objetivo de alcançar um público cada vez maior e mais abrangente. Desde a invenção da imprensa (no século XV, por Johannes Gutenberg), da máquina fotográfica (em 1839, por Louis Jacques Mandé Daguerre), do rádio (ao fim do século XIX, por Guglielmo Marconi), da televisão (década de 1920, por John Logie Baird), do computador (década de 1940, por Alan Turing), do celular (1973, por Martin Cooper) e da internet (meados da década de 1980, por universidades dos EUA), as pessoas vêm mudando a forma de contar histórias, ainda

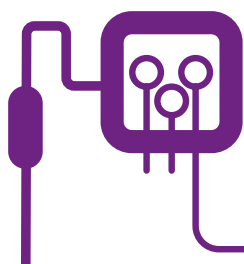
que muitas das técnicas da construção do sentido (O que? Quem? Como? Onde? Por que? Para quem?) continuam sendo as mesmas dos nossos antepassados. Além disso, analisar e compreender as diversas narrativas faz com que as pessoas compreendam os seus papéis de ser e estar no mundo.

Esta eletiva tem como principal objetivo estimular as juventudes a praticar a contação de histórias como um meio de preservação da cultura oral, do autoconhecimento, da percepção de mundo e do desenvolvimento de habilidades digitais. O foco é a aprendizagem diferenciada nas disciplinas do currículo do ensino médio.

Procura-se, ainda, que o estudante compreenda as possibilidades artísticas e teóricas da comunicação – bem como o funcionamento dos diversos veículos comunicacionais – e como esses conhecimentos podem contribuir para a sua vida pessoal e profissional.

Objetivo geral:

Vivenciar a contação de histórias como meio de preservação da cultura oral, do autoconhecimento, da percepção de mundo e do desenvolvimento de habilidades digitais.



Objetivos específicos:

- Trabalhar com estruturas básicas de diferentes narrativas.
- Identificar diversas possibilidades de transmitir essas narrativas ao mundo.
- Perceber como as tecnologias contribuem para a pesquisa, resgate, registro e compartilhamento dessas narrativas.
- Compreender o impacto dessas narrativas no mundo contemporâneo.
- Respeitar e apreciar as diversidades das narrativas dos colegas.

Habilidades desenvolvidas

A BNCC (BRASIL, 2018, p. 471) afirma ainda que “No ensino médio, o foco da área de **“Linguagens e suas Tecnologias”** está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias”. Sendo assim, esta disciplina eletiva aprofunda os estudos das linguagens de modo a ter “uma abordagem integrada dessas linguagens e de suas práticas, a área propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados

ao enriquecimento cultural próprio, às práticas cidadãs, ao trabalho e à continuação dos estudos”. (BRASIL, 2018, p. 485).

Nesta eletiva, prevê-se, então, o trabalho focado em quatro dos cinco campos de atuação social. São eles:

- **Vida pessoal:** “as vivências, experiências, análises críticas e aprendizagens propostas nesse campo podem se constituir como suporte para os processos de construção de identidade e de projetos de vida, por meio do mapeamento e do resgate de trajetórias, interesses, afinidades, antipatias, angústias, temores, etc., que possibilitam uma ampliação de referências e experiências culturais diversas e do conhecimento sobre si”. (BRASIL, 2018, p. 488).
- **Práticas de estudos e pesquisa:** “abrange a pesquisa, recepção, apreciação, análise, aplicação e produção de discursos/textos expositivos, analíticos e argumentativos, que circulam tanto na esfera escolar como na acadêmica e de pesquisa, assim como no jornalismo de divulgação científica”. (BRASIL, 2018, p. 488).
- **Jornalístico-midiático:** “caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo”. (BRASIL, 2018, p. 489).

- **Artístico:** “é o espaço de circulação das manifestações artísticas em geral e contribui para a construção da apreciação estética, significativa para a constituição de identidades; para a vivência de processos criativos; para o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade; e para a expressão de sentimentos e emoções. Possibilita aos estudantes, portanto, reconhecer, valorizar, fruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos e no exercício da sensibilidade”. (BRASIL, 2018, p. 489).

Para isso, são trabalhadas habilidades específicas das competências previstas pela BNCC, listadas abaixo:

Competência Específica nº 1, no que tange ao ensino das “**Linguagens e suas Tecnologias**”, consiste em “compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade, e para continuar aprendendo”, a qual se inscreve nas habilidades descritas abaixo:

“(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais.”

“(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.”

“(EM13LGG105) Analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, desenvolvendo diferentes modos de participação e intervenção social.” (BRASIL, 2018, p. 491).

Competência Específica nº 4, no que tange ao ensino das “**Linguagens e suas Tecnologias**”, consiste em “compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza”, a qual se inscreve na habilidade descrita abaixo:

“(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.” (BRASIL, 2018, p. 494).

Competência Específica nº 7, no que tange ao ensino das “**Linguagens e suas Tecnologias**”, consiste em “mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva”, a qual se inscreve nas seguintes habilidades descritas abaixo:

“(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.”

“(EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.”

“(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.”

“(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.” (BRASIL, 2018, p. 497).

Metodologia

A proposta metodológica desta eletiva possibilita aos jovens o conhecimento por meio de atividades de pesquisa e experiências práticas, em concordância com o currículo escolar, podendo compreender a importância de vivências pessoais e de como ser e estar no mundo pode impactar outras pessoas, especialmente se esses processos são transformados em narrativas que possam

ser compartilhadas. A intencionalidade das aulas e oficinas sugeridas neste documento considerou a potência da contação de histórias para a preservação da cultura, o autoconhecimento e o conhecimento artístico e midiático (que são perpassados pelos usos das diversas tecnologias), conforme detalhado a seguir:

- Como se descobrir um ser criativo e alimentar esta criatividade (aulas 1, 2, 3 e 4);
- História da comunicação (aula 5);
- Teoria da comunicação: elementos comunicativos e público-alvo (aulas 6 e 7);
- Os perigos de narrar de um ponto de vista unilateral (aula 8);
- Transformando referências em narrativa (aulas 9, 10, 11, 12 e 13);
- Descobrendo as diferentes formas de publicar (aulas 14 e 15);
- Trabalhando com o projeto (aulas 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22);
- Planejando, produzindo e executando uma Mostra Cultural (aulas 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29);
- Culminância: avaliação, autoavaliação e encerramento (aulas 30, 31 e 32).

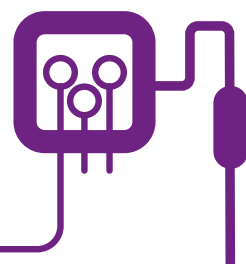
Tais temas têm como objetivo que os estudantes identifiquem como é possível utilizar uma gama de conhecimentos na elaboração de ações e, conseqüentemente, que esses aprendizados os apoiem no desenvolvimento de competências e habilidades que não só lhes permitam comunicar vivências pessoais, pensamentos, aprendizados e ideias, mas também contribuam para uma posição profissional futura.

Avaliação

A avaliação será a partir da análise do desenvolvimento das habilidades e competências previstas na BNCC para o ensino médio, bem como do registro em diário pessoal (portfólio), das produções elaboradas pelas turmas e da ficha de avaliação.

Aqui trabalhamos com o conceito de portfólio como uma ferramenta de acompanhamento e

desenvolvimento da qualidade da relação de ensino-aprendizagem. Portfólios são trabalhos ilustrativos dos alunos, feitos individualmente e/ou em grupos. Eles representam o seu pensamento, sentimento, a maneira de agir; as competências e habilidades e a maneira como os estudantes colocam em prática suas vivências e produções dos trabalhos desenvolvidos ao longo da eletiva.

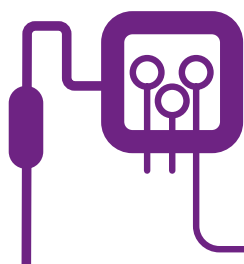


CRONOGRAMA

Título da aula	Descrição
Aula 1 – Qual é o meu ponto de vista sobre o mundo?	Sensibilizar o olhar dos alunos para transformar a banalidade do próprio cotidiano em narrativas que impactam. Refletir sobre os processos criativos e começar a prática de treinar o olhar para coletar narrativas.
Aula 2 – Registrando o meu mundo para criar universos	Reconhecer como o registro do dia a dia contribui para a elaboração de narrativas ficcionais e documentais.
Aula 3 – O que é importante para mim é o que me transforma	Analisar como as memórias afetivas podem ser objetos da construção de narrativas.
Aula 4 – Você em foco	Observar as peculiaridades de cada participante para a autodescoberta e para a descoberta do grupo como um todo. Analisar como essas peculiaridades fazem parte das diversas narrativas que apresentamos ao mundo.
Aula 5 – História da comunicação x comunicação pessoal	Pesquisar as diversas formas de comunicação (e as tecnologias envolvidas) ao longo da história. Relacionar essas formas de comunicação com a vida pessoal de cada aluno.
Aula 6 – Quem conta um conto aumenta um ponto: elementos da narrativa e público-alvo	Compor uma narrativa a partir dos estímulos apresentados pelo(a) professor(a). Identificar os elementos da narrativa.
Aula 7 – O que faz a minha história ser uma história?	Analisar a própria forma de se comunicar. Pesquisar e analisar as principais características de cada elemento da narrativa.
Aula 8 – Os perigos de uma história única	Ser consciente de que há narrativas que têm mais força e se sobressaem mais do que outras. Sensibilizar-se para a importância de outras narrativas. Identificar e analisar situações de histórias únicas na própria vivência.
Aula 9 – Escrevendo uma narrativa	Elaborar uma narrativa baseada nos conhecimentos adquiridos e fontes apresentadas na oficina.

Título da aula	Descrição
Aula 10 – Desenvolvendo o olhar crítico: o apoio e a reescrita – Parte 1	Praticar o olhar técnico e crítico para a narrativa dos pares. Cooperar com os processos criativos entre os colegas. Analisar criticamente o próprio trabalho. Reelaborar o texto a partir de feedback dos pares.
Aula 11 – O ponto de vista é a vista de um ponto	Reconhecer as diferenças entre pontos de vista (foco narrativo). Analisar os impactos de cada ponto de vista e como eles podem ou não se conectar com a narrativa escrita nos pontos anteriores.
Aula 12 – Minha história sob outro ponto de vista	Identificar o ponto de vista da narrativa escrita e fazer possíveis modificações.
Aula 13 – Desenvolvendo o olhar crítico: o apoio e a reescrita – Parte 2	Praticar o olhar técnico e crítico para a narrativa dos pares. Cooperar com os processos criativos entre os colegas. Analisar criticamente o próprio trabalho. Reelaborar o texto a partir de feedback dos pares.
Aula 14 – Próximos passos: o que fazer com a minha narrativa? – Parte 1	Pesquisar as diversas formas de publicar uma narrativa.
Aula 15 – Próximos passos: o que fazer com a minha narrativa? – Parte 2	Compartilhar os resultados da pesquisa da aula anterior.
Aulas 16 e 17 – Definindo o projeto de veiculação da narrativa	Relacionar as histórias criadas pelos integrantes das duplas/grupos. Estabelecer uma forma adequada de veicular a narrativa. Planejar a execução da veiculação da narrativa.
Aulas 18, 19 e 20 – Dando vida à minha narrativa	Desenvolver o produto que será apresentado à comunidade escolar na culminância.
Aulas 21 e 22 – Qualificação do projeto	Demonstrar como será o projeto final ainda que ele não esteja finalizado (a Mostra Fotográfica pode não estar instalada no espaço físico, mas os alunos poderão mostrar a sequência de fotos, as legendas, etc., por exemplo).
Aula 23 – Aprimorando o projeto	Analisar e aprimorar o produto que será apresentado à comunidade escolar na culminância.

Título da aula	Descrição
Aulas 24 e 25 – Culminância: planejando a Mostra Narrativas Digitais	Planejar o evento de divulgação/difusão dos projetos elaborados na eletiva.
Aulas 26 e 27 – Culminância: preparando a Mostra Narrativas Digitais	Preparar materiais, espaços físicos e digitais, e tudo o que envolve o evento para a realização da Mostra.
Aulas 28 e 29 – Culminância: realizando a Mostra Narrativas Digitais	Executar o planejamento de um evento cultural. Vivenciar o compartilhamento da produção de uma narrativa cultural. Acompanhar o público em contato com as diversas narrativas produzidas. Compartilhar experiências.
Aulas 30 e 31 – Avaliação da Mostra e dos projetos apresentados	Organizar o que foi produzido na Mostra de modo a fazer um retrospecto do que foi o evento. Avaliar os impactos da Mostra para a comunidade escolar. Avaliar o recebimento do projeto pelo público.
Aula 32 – Avaliação da eletiva	Analisar a trajetória pessoal na eletiva. Compreender a própria curva de aprendizagem. Estabelecer planos para o futuro.



Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: jun. 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Terra e Paz, 2002.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios.

GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista: ... e tenha uma vida mais criativa e produtiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

KLEON, Austin. **Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

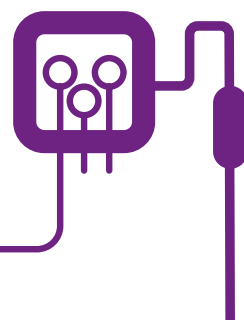
KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2009.

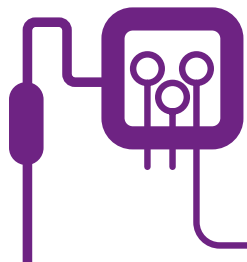
TERUYA, Ayumi. A Jornada do Herói. **Projeto Escrita Criativa**, 19 fev. 2020[a]. Disponível em: <http://projetoescritacriativa.blogspot.com/2020/02/a-jornada-do-heroi.html>. Acesso em: 7 nov. 2020.

TERUYA, Ayumi. Escrevendo um romance: a psicanálise por trás da Jornada do Herói. **Projeto Escrita Criativa**, 25 mar. 2020[b]. Disponível em: <http://projetoescritacriativa.blogspot.com/2020/03/escrevendo-um-romance-psicanalise-por.html>. Acesso em: 7 nov. 2020.

WOLFF, Jurgen. **Your creative writing masterclass**. London, Boston: Nicholas Brealey Publishing, 2011.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 1

Qual é o meu ponto de vista sobre o mundo?

Objetivos: sensibilizar o olhar dos alunos para transformar simplicidades do seu próprio cotidiano em narrativas que impactam. Refletir sobre os processos criativos e começar a prática de treinar o olhar para coletar narrativas.

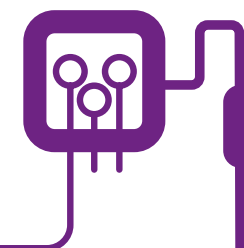
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	<p>Olá, professor(a)! Antes de iniciar a aula, prepare a sala. Coloque as cadeiras em formato de U para que todos possam se ver.</p> <p>Imprima as tarjetas com as citações sobre criatividade e decore o ambiente para acolher a turma (anexo 1.2), de modo a estimular os estudantes a começar a reflexão sobre este assunto desde o início desta disciplina.</p>		<ul style="list-style-type: none"> Anexo 1.2 – "Citações sobre criatividade"

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
10 minutos	Apresentação da proposta	<p>Neste primeiro encontro, compartilhe com os alunos os objetivos da eletiva por meio da apresentação da ementa e do cronograma de atividades (anexos 1 e 1.1).</p> <p>Você pode trabalhar com a versão digital e depois enviar uma cópia por e-mail aos alunos, ou com a versão impressa da ementa (uma cópia para cada um).</p> <p>É importante que todos os alunos tenham uma cópia da ementa e do cronograma de trabalho (para saberem os dias reservados para a apresentação do trabalho final, por exemplo). Entretanto, vale frisar que, assim como acontece com qualquer planejamento, esse cronograma é passível de mudanças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Computador e projetor 	<p>Versão digital ou uma cópia impressa para cada aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Anexo 1 – “Ementa” • Anexo 1.1 – “Cronograma de atividades”

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Aproveite o momento para criar uma lista de contatos (e-mails, ou um grupo no Facebook ou WhatsApp, por exemplo), de modo que todos possam se comunicar e você possa enviar materiais ao longo da eletiva – você pode deixar um arquivo aberto no computador para que os alunos digitem seus contatos, isso evita erros nos endereços de e-mail.</p> <p>Caso não haja computador disponível, sugerimos que você passe uma folha para que eles escrevam nome e contato e, no próximo encontro, traga a informação digitada para eles conferirem se os dados estão corretos. Não se esqueça de deixar o seu contato disponível para os alunos também.</p> <p>No segundo encontro, é importante verificar se todos os alunos preencheram os seus dados – pode ser que alguém tenha faltado à primeira aula e vocês não tenham os contatos um do outro.</p>		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
10 minutos	Sobre ser curioso	<p>Professor(a), faça uma roda de conversa com os seus alunos. Lance as seguintes perguntas e peça que eles respondam de forma sucinta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você se acha uma pessoa curiosa? • Se sim, por quê? Aonde a sua curiosidade o(a) levou? • Se não, por que não? Onde a sua curiosidade se perdeu? <p>Peça para eles anotarem as respostas em uma folha ou em um arquivo digital.</p> <p>Caso a sua apresentação tenha sido rápida e haja um tempinho, leia com a turma o texto “Eu sei, mas não devia”, de Marina Colasanti. Você pode projetar o texto na lousa, para que os alunos acompanhem a leitura. Se não houver tempo, envie-lhes o texto por e-mail.</p> <p>Explique que este texto fala sobre como o nosso olhar fica acostumado e para de reparar na essência do nosso dia a dia. Se quiser, apresente alguns dados sobre a autora (ou oriente os alunos a pesquisarem na biblioteca da escola).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Computador e projetor ou folhas para que os alunos possam escrever 	<ul style="list-style-type: none"> • COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia. Poesia na Alma. 24 fev. 2017. Disponível em: http://www.poesianaalma.com.br/2017/02/eu-sei-mas-nao-devia-de-marina-colasanti.html

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
15 minutos	Uma questão de olhar	Leve o grupo para dar uma volta pela escola ou pelo quarteirão. Peça para observarem o ambiente com um olhar de curiosidade, tentando captar o que lhes chama a atenção: uma luz, um sentimento, um olhar de alguém, etc. A ideia aqui é focar algo que “passaria batido” normalmente.	<ul style="list-style-type: none"> • Papel e caneta para anotações 	
10 minutos	Apurando o olhar	<p>Na volta, retome a roda de conversa. Peça para os alunos falarem sobre a percepção que tiveram nessa pequena saída. Algumas perguntas que podem ajudar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que você conseguiu perceber de diferente? • Como você se sentiu? • Foi uma tarefa fácil ou difícil? • Como você pode exercitar o seu olhar ao longo do dia (dentro e fora da escola)? 		<ul style="list-style-type: none"> • GOMIDE, Paloma. O que é fotografia documental e como começar o seu projeto. Lightroom Brasil. 5 jan. 2019. Disponível em: https://lightroombrasil.com.br/o-que-e-fotografia-documental-e-como-comecar-o-seu-projeto/ • Anexo 1.3 – “Um pouco sobre fotografia documental”



Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Para a próxima aula: peça que eles se dividam em duplas (ou quartetos), façam uma breve pesquisa sobre o que é fotografia documental e escolham uma imagem de exemplo para apresentar ao grupo. Peça que eles apontem a narrativa que acreditam estar por trás da imagem, ou seja, que apresentem uma breve interpretação sobre a foto.</p> <p>Se possível, oriente os estudantes para levarem o arquivo digital da foto (eles podem enviá-lo previamente por e-mail ou salvá-lo em alguma pasta na nuvem), para que ela possa ser projetada a todos no encontro seguinte.</p> <p>Dependendo da quantidade de alunos na turma, é interessante estabelecer um tempo máximo de apresentação para cada dupla/grupo.</p> <p>Peça para os alunos trazerem caderno e caneta. Diga-lhes que o caderno pode ser como preferirem (pautado, quadriculado, pontilhado ou sem pautas), mas que preferencialmente não seja muito grande (se possível, tamanho A5). Esse caderno deve ser usado apenas para essa eletiva e precisa ser fácil de carregar.</p>		

Ementa

Narro, logo existo!	
Tópicos	Descrição
Ser criativo (aulas 1, 2, 3 e 4)	Encontrando a própria narrativa: como desenvolver o olhar curioso para o mundo e fazer da própria história fonte de narrativas artísticas, informativas/educativas e de entretenimento (ficção e não ficção).
História da comunicação (aula 5)	Como surgiu a comunicação entre as pessoas e como essa comunicação se deu ao longo da história? A partir dessa reflexão, é possível pensar como nos comunicamos na contemporaneidade.
Elementos comunicativos e público-alvo (aulas 6 e 7)	Tão importante quanto ter objetividade ao saber o que deve ser comunicado é compreender como e para quem fazê-lo.
Os perigos de narrar de um ponto de vista unilateral (aula 8)	A partir da reflexão proposta pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, estudaremos a importância de buscar outros pontos de vista e os perigos de se ter uma história única.
Transformando as referências em narrativa (aulas 9, 10, 11, 12 e 13)	Os encontros 9 a 13 estão voltados a transformar as referências adquiridas no início da eletiva (aulas 1 a 7) em uma narrativa, e ao aprimoramento dessa história – tanto a partir da troca entre os pares e professores quanto por meio do uso de diversas tecnologias.
As diferentes formas de publicar (aulas 14 e 15)	Qual é o melhor modo de publicar a minha narrativa, de acordo com o meu público-alvo? Quais são os diferentes recursos de acordo com o meu orçamento? A partir do levantamento das necessidades dos autores e de seus receptores, é possível pensar na melhor maneira de trazer as diversas narrativas criadas na eletiva ao público?
Trabalhando com o projeto (aulas 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22)	Com o apoio do(a) professor(a), os alunos vão decidir qual será o trabalho final a ser apresentado na culminância da eletiva e irão elaborar o projeto a ser transformado em uma produção artístico-midiática (podcast, vídeo, livro, exposição fotográfica, etc.).
Culminância: produzindo uma Mostra Cultural (aulas 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29)	Tendo os projetos prontos, os alunos planejarão, organizarão e produzirão uma Mostra Cultural (presencial), de forma que a comunidade (escolar e do entorno) tenha acesso às produções realizadas por eles.

Narro, logo existo!

Tópicos	Descrição
Avaliação e encerramento (aulas 30, 31 e 32)	Momento de avaliação do projeto, do evento da Mostra Cultural e do andamento da disciplina, como forma de compreender os impactos individuais e coletivos da eletiva, seja para a vida de cada aluno, seja para a comunidade escolar como um todo.

Cronograma de atividades

Instruções: professor(a), preencha o campo “Data” com as prováveis datas de realização das atividades para que os alunos já tenham noção do que será tratado em cada uma delas. Se quiser, abra uma terceira coluna à direita, para “Observações”. Nela, os alunos poderão anotar as demandas para o próximo encontro, por exemplo.

Cronograma de atividades	
Data:	Aula/Tema:
	Aula 1 – Qual é o meu ponto de vista sobre o mundo?
	Aula 2 – Registrando o meu mundo para criar universos
	Aula 3 – O que é importante para mim é o que me transforma
	Aula 4 – Você em foco
	Aula 5 – História da comunicação x comunicação pessoal
	Aula 6 – Quem conta um conto aumenta um ponto: elementos da narrativa e público-alvo
	Aula 7 – O que faz a minha história ser uma história?
	Aula 8 – Os perigos de uma história única
	Aula 9 – Escrevendo uma narrativa
	Aula 10 – Desenvolvendo o olhar crítico: o apoio e a reescrita – Parte 1
	Aula 11 – O ponto de vista é a vista de um ponto
	Aula 12 – Minha história sob outro ponto de vista
	Aula 13 – Desenvolvendo o olhar crítico: o apoio e a reescrita – Parte 2
	Aula 14 – Próximos passos: o que fazer com a minha narrativa? – Parte 1
	Aula 15 – Próximos passos: o que fazer com a minha narrativa? – Parte 2
	Aulas 16 e 17 – Definindo o projeto de veiculação da narrativa
	Aulas 18, 19 e 20 – Dando vida à minha narrativa
	Aulas 21 e 22 – Qualificação do projeto
	Aula 23 – Aprimorando o projeto
	Aulas 24 e 25 – Culminância: planejando a Mostra Narrativas Digitais

Cronograma de atividades

Data:	Aula/Tema:
	Aulas 26 e 27 – Culminância: preparando a Mostra Narrativas Digitais
	Aulas 28 e 29 – Culminância: realizando a Mostra Narrativas Digitais
	Aulas 30 e 31 – Avaliação da Mostra e dos projetos apresentados
	Aula 32 – Avaliação da eletiva

Citações sobre criatividade

Instruções: professor(a), abaixo há uma pequena lista com citações sobre criatividade. Você pode usar todas ou escolher as suas preferidas. Caso queira, pode acrescentar outras citações que conheça sobre o tema. Sugerimos também que você formate cada frase como for melhor para apresentá-la aos alunos. Use este material para decorar a sala de aula e continuar a inspirá-los ao longo da eletiva.

**“Nosso ponto de vista é nossa assinatura.”
(Will Gompertz).**

**“Um aprendiz se torna um mestre aprendendo com quem veio antes
e evoluindo para assumir problemas novos e mais complexos.”
(Will Gompertz).**

**“A criatividade é uma energia que acompanha de perto a raça humana desde os tempos imemoriais. É uma energia acessível a todos, um processo físico que envolve o corpo inteiro, da cabeça aos pés. Ela se alimenta da troca entre nosso autoconhecimento e nossa capacidade de olhar de verdade para o outro.”
(Bia Lombardi).**

**“Quando vivemos uma vida criativa, aprendemos a nos conectar verdadeiramente com outros seres humanos, identificando as necessidades comuns a todos nós. Ninguém é criativo sozinho.”
(Bia Lombardi).**

**“Observe pessoas usando o computador. Elas ficam tão paradas, tão imóveis. Não é preciso um estudo científico (e há vários deles) para dizer que sentar em frente a um computador o dia inteiro está matando você, e matando seu trabalho. Precisamos nos mover, para sentir que estamos fazendo algo com nossos corpos, não só com nossas cabeças. Trabalho que vem só da mente não é nada bom. Observe um grande músico numa apresentação. Observe um grande líder numa palestra. Você entenderá o que eu quero dizer.”
(Austin Kleon).**

**“A procrastinação é a forma mais comum de manifestação da resistência, porque esta é a forma mais fácil de racionalizá-la. Nós não dizemos para nós mesmos: ‘Eu nunca vou escrever uma sinfonia’. No lugar disso, nós falamos: ‘Eu vou escrever uma sinfonia, mas eu vou escrevê-la amanhã’.”
(Steven Pressfield).**

**“Existe algo mais importante que a lógica: a imaginação. Se a ideia é boa, jogue a lógica pela janela.”
(Alfred Hitchcock).**

**“Um livro deve ser o machado que quebra o mar gelado em nós.”
(Franz Kafka).**

**“Para viver uma vida criativa, temos de perder o medo de estar errados.”
(Joseph Chilton Pierce).**

**“Poetas imaturos imitam; poetas maduros roubam; poetas ruins desfiguram o que pegam e poetas bons transformam em algo melhor, ou pelo menos diferente. O bom poeta amalgama o seu furto a um conjunto sensível que é único, completamente diferente daquele de onde foi removido.”
(T. S. Eliot).**

Um pouco sobre fotografia documental

Fotografia documental

A **fotografia documental** é um gênero da fotografia que trabalha no registro cultural ou artístico de um momento, em oposição à publicidade ou ao jornalismo. É o ramo mais pessoal da fotografia contemporânea.

A fotografia documental contemporânea preserva algumas características da estrutura clássica do documentarismo, consolidada nos anos 1930, a qual chamamos de modelo paradigmático dos anos 1930. Esse modelo começou a tomar forma ainda no século XIX, com os primeiros documentaristas, como o escocês John Thomson (1837-1921), o dinamarquês Jacob Riis (1849-1914), a americana Margaret Sanger (1879-1966) e o alemão Heinrich Zille (1858-1929), que se dedicaram, de forma intensa, à fotografia de cunho social.

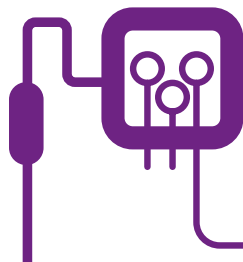
Nos anos 1930, auge do modelo, os fotodocumentaristas procuravam se estabelecer sob o tripé: verdade, objetividade e credibilidade, embora saibamos que tal intenção nunca pôde ser alcançada.

Texto extraído de:

FOTOGRAFIA documental. **Wikipédia**, 20 ago. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fotografia_documental. Acesso em: 1 dez. 2020.

Para saber mais sobre fotografia documental, leia o artigo a seguir:

GOMIDE, Paloma. O que é fotografia documental e como começar seu projeto. **Lightroom Brasil**. 5 jan. 2019. Disponível em: <https://lightroombrasil.com.br/o-que-e-fotografia-documental-e-como-comecar-o-seu-projeto/>. Acesso em: 1 dez. 2020.



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 2

Registrando
o meu mundo
para criar
universos

Objetivo: reconhecer como o registro do dia a dia contribui para a elaboração de narrativas ficcionais e documentais.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes do encontro	<p>Antes de iniciar a aula, prepare a sala. Coloque as cadeiras em formato de U para que todos possam se ver.</p> <p>Converse com a bibliotecária da escola e peça que ela separe exemplos de livros em formato de diário. Se for possível, agende um horário para fazer a segunda parte deste encontro no próprio espaço da biblioteca.</p>		<p>Sugestão de livros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diário de um banana, de Jeff Kinney • O diário da princesa, de Meg Cabot • O diário de Anne Frank, de Anne Frank • Quarto de despejo: o diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus • Devoção, de Patti Smith

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
20 minutos	Retomando o encontro anterior	<p>Na sala de aula:</p> <p>Peça que cada grupo apresente a foto escolhida e diga qual é sua interpretação.</p> <p>Troque uma ideia com o grupo para ver outras possibilidades de interpretação da narrativa.</p> <p>Se possível, ao final, apresente você também uma fotografia para a turma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Computador e projetor (para que os alunos projetem as imagens e todos possam acompanhar) • Impressora (se possível, imprimam as fotos apresentadas para decorar a sala da eletiva) 	
10 minutos	O gênero textual "diário"	<p>Na biblioteca (peça que eles levem o caderno solicitado na aula anterior):</p> <p>Coloque os livros em uma mesa no centro e deixe os alunos circularem ao redor dela. Peça que eles explorem as obras. Se você quiser, escolha previamente o trecho de uma delas e leia-o para a turma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Livros em formato de diário 	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 2 – "Exemplos de livro em forma de diário"

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Durante a exploração, você pode fazer algumas perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você já escreveu um diário alguma vez na vida? • Se sim, como foi essa experiência? Já releu o que escreveu? • Se não, por que nunca tentou? • Você já leu livros em formato de diário? Como foi essa experiência de leitura? 		
10 minutos	Bem-vindos a bordo!	<p>Explique para os alunos que o diário será uma das nossas principais ferramentas e fontes de trabalho. Nele, cada aluno fará anotações de tudo o que considerar importante: algo que observou, aprendeu ou viveu, um sentimento que está ali, uma ideia que possa ter surgido, uma notícia que possa ter visto, percepções sobre o próprio processo criativo, etc.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cadernos (trazidos pelos alunos) e canetas ou lápis 	

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Esse registro pode vir acompanhado de uma foto, uma ilustração, um trecho de livro, uma letra de música, cartas, bilhetes, mensagens ou até mesmo de um recorte ou uma referência para pesquisas futuras. É importante ressaltar que o diário é de uso pessoal e não será lido por outras pessoas, mas servirá de ponto de partida para as produções desta eletiva; portanto, deve ser alimentado.</p> <p>Ao final da explicação, dê um tempo para que os alunos façam um pequeno registro “de estreia” de seus cadernos. Você pode falar para eles escreverem as suas impressões sobre as duas primeiras aulas desta eletiva. Se quiser, sugira que eles imprimam a foto apresentada na aula e a anexem ao diário.</p>		
5 minutos	Para a próxima aula	Peça que os alunos tragam um objeto que seja importante para eles. Diga-lhes para não compartilhar com os colegas o motivo da escolha desse objeto – o elemento-surpresa é importante para o andamento da atividade.		

Exemplos de livros em forma de diário

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

Domingo, 14 de junho de 1942

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas. Pudera! Era dia do meu aniversário. É claro que eu não tinha permissão para levantar àquela hora, e por isso tive de refrear a minha curiosidade até as quinze para as sete. Aí então não aguentei mais e corri até a sala de jantar, onde recebi as mais calorosas saudações de Moortie (a gata).

Logo depois das sete fui dar bom-dia à mamãe e ao papai, e, depois, corri à sala de estar para desembulhar meus presentes. O primeiro que me saudou foi você, possivelmente o melhor de todos. Sobre a mesa havia também um ramo de rosas, uma planta e algumas petúnias; durante o dia chegaram outros.

Ganhei uma porção de coisas de mamãe e papai e fui devidamente presenteada por vários amigos. Entre outras coisas, deram-me um jogo de salão chamado Câmara Escura, muitos doces, chocolates, um quebra-cabeça, um broche, os Contos e lendas dos Países Baixos, de Joseph Cohen, Daisy e suas férias nas montanhas (um livro espetacular) e algum dinheiro. Agora posso comprar Os mitos da Grécia e Roma —que legal! Lies veio então apanhar-me para irmos à escola. No recreio, distribuí biscoitinhos doces para todo mundo, e então tivemos de voltar às aulas. Agora tenho que parar. Até logo. Acho que seremos grandes amigas.

Fonte: TRECHO de 'O diário de Anne Frank'. Trechos.org, [S. d.]. Disponível em: <https://trechos.org/livro-o-diario-de-anne-frank/>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Quarto de despejo: o diário de uma favelada

Por Carolina Maria de Jesus

[...]

Os relatos são tristes e cruelmente reais. As frases curtas, impactantes, e a linguagem real e cheia de vida, transformam a leitura de suas memórias em algo vívido e perturbador. É inevitável que o leitor – contando com um mínimo de empatia – sentirá o peso da vida naquele lugar, as angústias da fome e a esperança – e falta dela – de Carolina levar uma vida mais digna junto aos seus filhos. O título Quarto de Despejo é uma alusão à metáfora que a autora utiliza em algumas oportunidades para expressar a posição da favela e de seus moradores em relação à cidade:

“As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quanto estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (p. 33).”

“Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas (p. 76).”

O motor do livro é a indignação. A situação de pobreza e marginalização não é nunca naturalizada, a autora manifesta seus desgostos, sua indignação, reclama de seu sofrimento e sonha com mudanças pessoais e também com mudanças na esfera política que façam a situação coletiva prosperar.

[...]

Um dos aspectos que mais marcam a dor vívida da autora e o incômodo que a leitura causa é a fome que, além de Carolina, também é personagem principal do livro. As palavras pão, água, café, ao lado da própria fome, repetem-se em quase todos os dias do diário. A luta contra a fome – sua e de seus filhos – é constante e conduz toda a vida de Carolina no período do diário.

“Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou aos meus olhos.

A comida no estômago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. Meu corpo deixou de pesar. [...] Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço. Comecei a sorrir como se eu estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (p. 36)."

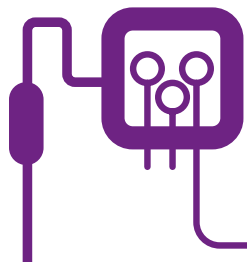
"É quatro horas. Eu já fiz almoço – hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e reponho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está no alcance do favelado, fico sorrindo atôa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante (p. 44)."

"E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (p. 27)."

[...].

Fonte: JUOZEPAVICIUS, Ricardo. O livro 'Quarto de Despejo' e suas questões jurídicas.

Justificando. 21 fev. 2018. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/02/21/livro-quarto-de-despejo-e-suas-questoes-juridicas/>. Acesso em: 1 dez. 2020.



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 3

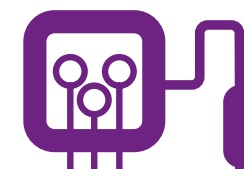
O que é importante para mim é o que me transforma

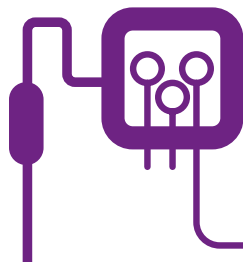
Objetivo: analisar como as memórias afetivas podem ser objetos da construção de narrativas.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	Professor(a), antes da aula, coloque uma mesa grande no centro da sala, com as mesas e cadeiras dos alunos em volta.	<ul style="list-style-type: none"> • Uma mesa grande – pode ser a mesa do(a) professor(a) 	
5 minutos	O que eu trago	Peça para cada participante colocar o seu objeto no centro da mesa e se sentar longe dele.		
5 minutos	Fazendo escolhas	Peça para os estudantes observarem os objetos sobre a mesa e escolherem um objeto cada – não pode ser o que trouxe.		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
15 minutos	Criando narrativas afetivas	<p>Entregue uma folha para cada aluno. Peça que cada um escreva uma pequena carta para o dono daquele objeto, mesmo sem saber quem é, com as ideias que lhe vieram à mente ao observá-lo.</p> <p>Se julgar necessário, relembre as características de uma carta (datação, saudação, mensagem, despedida e assinatura). Também coloque a importância de tratar o destinatário com respeito e gentileza. Por fim, relembre que a missiva não pode ser longa, porque não há muito tempo disponível.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uma folha para cada aluno • Canetas ou lápis 	
20 minutos	Compartilhando narrativas	<p>Como em um amigo secreto/oculto, escolha alguém para começar. Peça que a pessoa:</p> <ol style="list-style-type: none"> a. Diga por que escolheu o objeto. b. Leia a carta que escreveu. c. Pergunte quem é o dono do objeto. d. Entregue o objeto e a carta ao dono. 		<p>Caso deseje, ao final da aula, você pode indicar livros que reúnam cartas (ou narrativas escritas nesse formato) para os seus alunos. Abaixo seguem algumas sugestões:</p>

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Se o grupo for pequeno, você pode pedir que o dono compartilhe a história daquele objeto e se ela tem relação com o que o colega escreveu na carta que lhe entregou.</p> <p>Repita o processo até que todos recebam a sua carta e o seu objeto de volta. Peça que os alunos anexem a carta ao diário e escrevam um pequeno relato de como foi essa experiência – esse relato pode ser feito como tarefa de casa.</p>		<ul style="list-style-type: none">• Cartas de amor aos mortos, de Ava Dellaira• Todas as cartas, de Clarice Lispector• Cartas a um jovem poeta, de Rainer Maria Rilke• Cartas extraordinárias, de vários autores





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

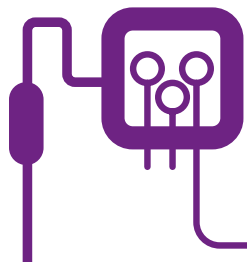
Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
Aula 4 Você em foco		Objetivos: observar as peculiaridades de cada participante para a autodescoberta e para a descoberta do grupo como um todo. Analisar como essas peculiaridades fazem parte das diversas narrativas que apresentamos ao mundo.		
	Antes da aula	Professor(a), organize a sala como um estúdio jornalístico. Pegue uma mesa grande para ser a "bancada" do jornal. Já planeje e organize a posição da câmera em frente a essa bancada. Se for necessário, apoie-a em mesas, caixas, ou utilize um tripé.	<ul style="list-style-type: none"> • Mesa grande • Câmera que filme (pode ser também um celular) • Tripé 	
15 minutos	Planejando a fala	Divida os alunos em pares (como é comum de ver nos grandes telejornais). Peça que cada um pense na sua história de vida, de modo a responder à pergunta: O que você fez de mais diferente para se comunicar e ser entendido?	<ul style="list-style-type: none"> • Opcional: trilha sonora de telejornal e cronômetro para marcar o tempo • Computador e projetor 	Exemplos de aberturas de jornais: <ul style="list-style-type: none"> • WAQUIM, Nicholas. Escalada do Jornal Nacional. 2 nov. 2020. (2min20s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z-f5wZsOwo8

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Explique que eles vão ter que falar essa resposta como na "escada" (abertura) de um jornal. Eles falarão de si mesmos na terceira pessoa. Se necessário, mostre-lhes a abertura de um jornal (ver material de apoio).</p> <p>Você também pode dar um exemplo seu:</p> <p><i>"Maria foi vista gritando informação em espanhol para um turista na escada da estação do metrô São Bento."</i></p> <p><i>"Foi divulgado o resultado da pesquisa que diz que João sonha em ser ilustrador, embora tenha vergonha de mostrar os seus desenhos."</i></p> <p><i>"Joana tornou-se professora de inglês porque queria se comunicar com a sua banda preferida."</i></p> <p>Se os alunos tiverem dificuldade de encontrar alguma narrativa para apresentar, sugira que eles busquem alguma inspiração nas anotações que fizeram em seus respectivos diários.</p> <p>Estabeleça um tempo de apresentação para cada aluno/dupla (em torno de um minuto).</p>		<ul style="list-style-type: none"> • JORNALISMO TV CULTURA. Jornal da Cultura. 19 nov. 2020. [S. d.]. (51min38s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5cyExdakQXg. (Mostrar até 1min5s)

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
15 minutos	Luz, câmera, ação!	<p>Grave cada dupla fazendo a abertura do jornal da turma, contando as próprias narrativas.</p> <p>Você pode ser responsável por comandar a câmera ou eleger um aluno para isso. É importante, contudo, que ele também apresente a sua abertura.</p>		
15 minutos	Refletindo sobre as narrativas	<p>Apresente os vídeos gravados para a turma. Entre uma gravação e outra, converse no sentido de apurar as percepções do grupo. Algumas perguntas que podem ajudá-lo(a) neste processo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi pensar em algo que ninguém ou poucas pessoas sabiam sobre você? • Como é falar de si mesmo em terceira pessoa? • Como é se ver como personagem e protagonista de uma história? • Para o grupo: como foi descobrir tal característica do aluno que acabou de apresentar? • Vocês preferem se comunicar em vídeo, como agora, por fotos (resgate os primeiros encontros da eletiva), ou escrevendo? <p>Tente fazer com que todos os alunos expressem suas percepções. Depois, peça que eles anotem seus pensamentos sobre o assunto no diário – essa anotação pode ser feita em casa.</p>		



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 5

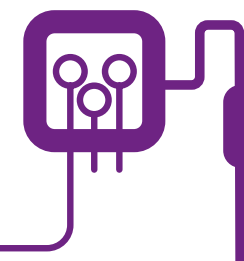
História da comunicação
x
comunicação pessoal

Objetivos: pesquisar as diversas formas de comunicação (e as tecnologias envolvidas) ao longo da história. Relacionar essas formas de comunicação com a vida pessoal de cada aluno.

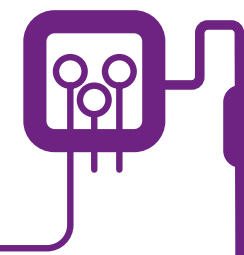
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	Professor(a), prepare as tarjetas a serem utilizadas na aula. Faça o mapa de colagem das informações (ver anexo 5).		• Anexo 5 – “Mapeamento”
5 minutos	Relembrando	Resgate o percurso da eletiva até o momento: <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento do olhar criativo; • Como reconhecer narrativas nos outros; • Como reconhecer narrativas em si mesmo. 		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
20 minutos	Descobrimo	<p>A partir deste momento, trabalharemos com a metodologia de sala de aula invertida. A ideia, portanto, é que os seus alunos possam pesquisar e trazer conhecimento para a turma.</p> <p>Sendo assim, divida-os em pequenos grupos, de acordo com os temas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pré-história (inscrições nas cavernas); 2. Cinema mudo; 3. História em quadrinhos (HQ); 4. Moda; 5. Arquitetura; 6. Jornal impresso e revista; 7. Rádio e TV; 8. Internet (redes sociais, memes, vídeos e podcasts). <p>Peça que eles elenquem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contexto histórico; • Características; • Tecnologias utilizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computadores com acesso à internet • Tarjetas feitas de folha de sulfite • Canetões 	<ul style="list-style-type: none"> • GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Museu da Imagem e do Som. [S. d.]. Disponível em: https://www.mis-sp.org.br/. Acesso em: 1 dez. 2020. • LASCAUX. Google Arts & Culture. [S. d.]. Disponível em: https://artsandculture.google.com/entity/lascaux/m04q6t?categoryId=place. Acesso em: 1 dez. 2020. • MUSEU da Moda Brasileira. Google Arts & Culture. [S. d.]. Disponível em: https://artsandculture.google.com/partner/museu-da-moda-brasileira. Acesso em: 12 dez. 2020.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		Eles deverão escrever essas informações utilizando uma palavra-chave para cada tarjeta. Cada item pode ter mais de uma tarjeta. Para ficar mais visível, peça que eles escrevam com os canetões.		<ul style="list-style-type: none"> • OSCAR Niemeyer. Google Arts & Culture. [S. d.]. Disponível em: https://artsandculture.google.com/entity/oscar-niemeyer/m0cynv?categoryId=artist. Acesso em: 1 dez. 2020. • SALDUNES. Charlie Chaplin "O circo", de 1928. [S. d.]. (3min25s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HshIW9Z4pgk. Acesso em: 1 dez. 2020.
10 minutos	Montando um panorama	Peça que cada grupo apresente os resultados da pesquisa, colando as tarjetas na parede, conforme o mapa do anexo 5.	• Fita crepe	



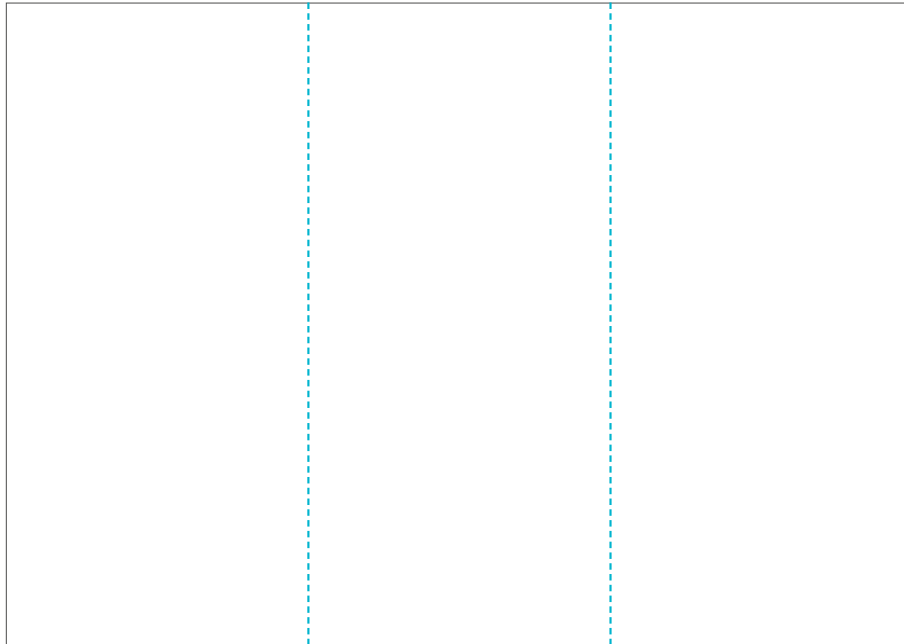
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
10 minutos	Sintetizando	<p>Por fim, converse com o grupo sobre como a comunicação e, conseqüentemente, a construção de narrativas podem ser diversas, e como cabem todos os talentos e habilidades nas diferentes áreas de comunicação.</p> <p>Peça que os alunos reflitam sobre essas diferenças, relacionando-as ao exercício feito no encontro anterior (em que cada um pôde apresentar uma situação comunicacional já vivida). Solicite que eles anotem suas reflexões no diário – essas anotações podem ser feitas em casa.</p> <p>É importante sinalizar que os alunos comecem a refletir sobre qual função eles gostariam de ter no projeto final; você pode lhes dizer que, em breve, retomarão esse assunto, mas por ora é importante que eles pensem sobre isso.</p>		



Mapeamento

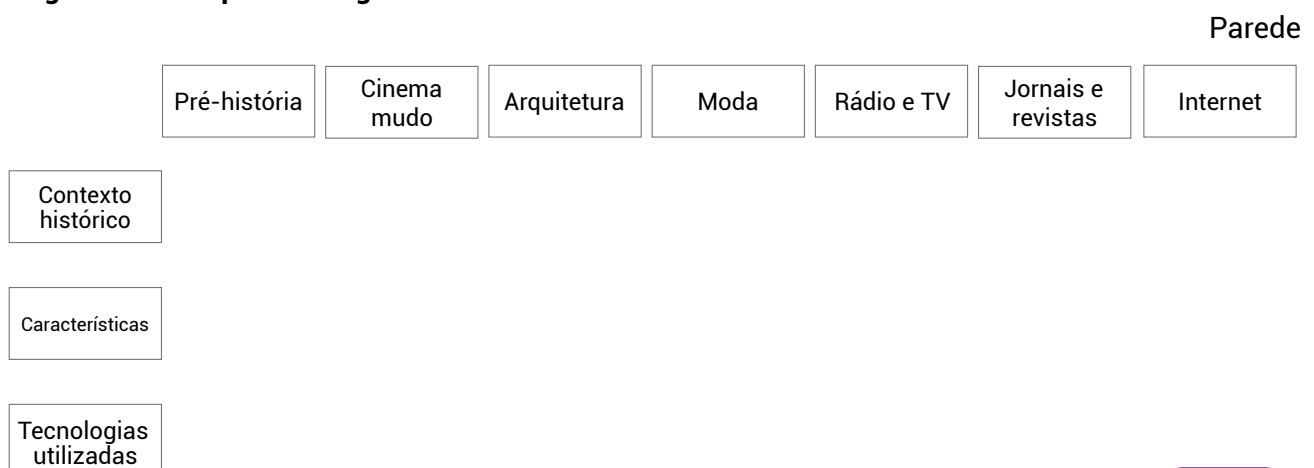
Criação da tarjeta:

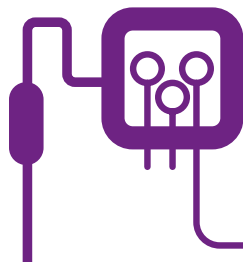
Dobre a folha de sulfite em três partes, conforme indicado abaixo:



Depois, corte na marcação, de modo a obter três tarjetas aproximadamente do mesmo tamanho. Faça isso com quantas folhas forem necessárias.

Sugestão de mapa de colagem:





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 6

Quem conta um conto aumenta um ponto: elementos da narrativa e público-alvo

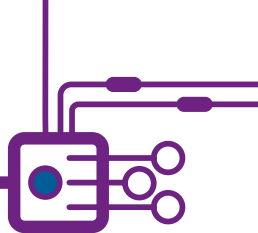
Objetivos: compor uma narrativa a partir dos estímulos apresentados pelo(a) professor(a). Identificar os elementos da narrativa.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	<p>Prepare a sala em formato de U para que todos consigam vê-lo(a).</p> <p>Coloque sobre a sua mesa uma caixa fechada. Dentro dela, você deve colocar objetos que "não se conversam" (por exemplo, concha do mar, escova de cabelo, bilhete do cinema, colher, tubo de cola, carrinho de brinquedo, fotografia, cadeado, chocolate, pedaço de papel de uma cor específica, etc.).</p>		<ul style="list-style-type: none"> Anexo 5 – "Mapeamento"

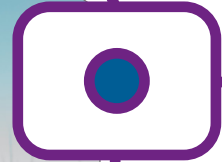
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Dentro da caixa deve haver ao menos um objeto para cada aluno. Não deixe que eles abram a caixa.</p> <p>Prepare a câmera/gravador. Traga as tarjetas prontas para esta aula (feitas do mesmo modo que no encontro anterior (anexo 5)).</p>		
15 minutos	Criando um conto e aumentando um ponto	<p>Escolha uma imagem e deixe-a projetada no modo congelado.</p> <p>Coloque uma das músicas para tocar bem baixinho.</p> <p>Explique para os alunos que no encontro de hoje vocês elaborarão uma narrativa coletiva, que se passa no lugar da foto.</p> <p>Você vai começar dando um contexto relacionado ao lugar da foto. Quando você tirar um objeto da caixa, a pessoa que estiver à sua direita continuará a história. Ela deve incluir na narrativa o objeto que você tirou da caixa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Projetor e computador com caixa de som • Câmera que grave vídeo (pode ser um celular) – escolha um aluno para fazer a gravação. Caso a escola não possua projetor e computador é possível imprimir as imagens 	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 6 – “Algumas imagens” • Anexo 6.1 – “Sugestões de imagens e músicas”

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Repita o procedimento até que todos tenham participado.</p> <p>Peça que os alunos falem alto para que possam ser ouvidos na gravação.</p>		
15 minutos	Revedo a narrativa	<p>Coloque a gravação no computador para que ela possa ser projetada.</p> <p>Entregue as tarjetas para os alunos e, na parede, crie seis colunas com os elementos da narrativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tempo; • Espaço; • Personagens; • Mote/assunto; • Ações; • Público-alvo. <p>Dê o play na gravação e peça que os alunos identifiquem os elementos da narrativa e do público-alvo na história que eles criaram. Ao final, colem as tarjetas na parede com a fita crepe.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Computador e projetor • Tarjetas e canetões • Fita crepe 	

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
15 minutos	Trocando, aprendendo e afinando o olhar	<p>Após o término do mapeamento, converse com os alunos sobre o processo. Para isso, sugerimos algumas perguntas norteadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A narrativa teve coerência? • O que ficou muito bom? • O que ficou faltando? • Todos concordam com o que foi levantado acerca de tempo, espaço, personagens, ação e mote? Se sim, isso é sinal de que a narrativa comunicou aquilo que todos queriam? Se não, o que seria ideal para esse princípio de história? • Todos concordam com o público-alvo apontado para esta narrativa? A narrativa conversa com as características e vivências desse público-alvo? • Como você se sentiu tendo que criar uma narrativa a partir de um elemento-surpresa? Foi fácil ou difícil? Por quê? <p>Finalize pedindo que os alunos anotem suas reflexões no diário – essa parte da atividade pode ser feita em casa.</p>		



Algumas imagens



Caminho para a praia: PATTERSON, Joshua. [Sem legenda]. Gulf Breeze, Estados Unidos. [S. d.]. Disponível em: <https://unsplash.com/photos/N6y7e4lTijg>. Acesso em: 1 dez. 2020.



Floresta: RAMOS, Isai. [Sem legenda]. Hilo, Estados Unidos. [S. d.]. Disponível em: https://unsplash.com/photos/2Woicqy_U4. Acesso em: 1 dez. 2020.



Periferia de SP. ALVESD, Danilo. **Foto tirada na região do Grajaú.** São Paulo – SP. [S. d.].
Disponível em: https://unsplash.com/photos/RZIA_V9DhvE. Acesso em: 1 dez. 2020.

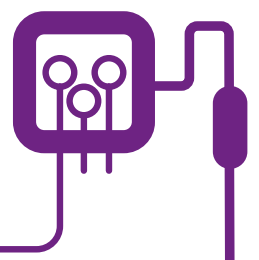
Sugestões de imagens e músicas

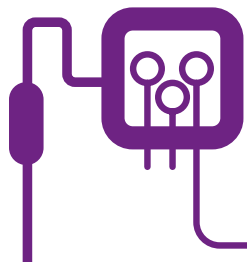
Sugestões de imagens

- Caminho para a praia: PATTERSON, Joshua. [Sem legenda]. Gulf Breeze, Estados Unidos. [S. d.]. Disponível em: <https://unsplash.com/photos/N6y7e4lTijg>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- Floresta: RAMOS, Isai. [Sem legenda]. Hilo, Estados Unidos. [S. d.]. Disponível em: https://unsplash.com/photos/2Woicgqv_U4. Acesso em: 1 dez. 2020.
- Trilhos na floresta: STORY, Derek. **Morning hike in Connecticut**. Naugatuck State Forest, Estados Unidos. [S. d.]. Disponível em: <https://unsplash.com/photos/Kd7Fdg337Qk>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- Periferia de SP. ALVESD, Danilo. **Foto tirada na região do Grajaú**. São Paulo – SP. [S. d.]. Disponível em: https://unsplash.com/photos/RZIA_V9DhvE. Acesso em: 1 dez. 2020.
- Portas abertas em Santa Catarina: FELIPE, Matheus Campos. **Old man stayed there just for a while**. Lajes – SC. [S. d.]. Disponível em: <https://unsplash.com/photos/VuxUrD1lDik>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- Dunas maranhenses: AZAIS, Baptiste. [Sem legenda]. Barreirinhas – MA. [S. d.]. Disponível em: <https://unsplash.com/photos/ZBLhr0duLns>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Sugestões de músicas

- Bach: BRILLIANT CLASSICS. **J. S. Bach: The violin concertos**. [S. d.]. (1h19min50s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ioc6sdgugo. Acesso em: 1 dez. 2020.
- Tango: THEARIELROT. **Tango instrumental**. [S. d.]. (3min10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iW71-sVyMzM>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- Salsa: THE RELAX GUYS. **4 hours of salsa instrumental**. [S. d.]. (3h59min59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wFGTOVcfcFk>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- Bossa nova: RELAX MUSIC. **Elegant bossa nova jazz**. [S. d.]. (10h40min15s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ctc3kF8CVs4>. Acesso em: 1 dez. 2020.





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 7

O que faz a minha história ser uma história?

Objetivos: analisar a própria forma de se comunicar. Pesquisar e analisar as principais características de cada elemento da narrativa.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	Professor(a), prepare a sala em formato de U para que todos possam se ver na roda de conversa de abertura da atividade.		
5 minutos	Como eu me comunico melhor? – Parte 1	Professor(a), peça que os alunos folheiem e releiam em silêncio os diários escritos por eles, de modo a encontrar a resposta para a seguinte pergunta: “Como eu me comunico melhor?” Se alguém já tiver uma resposta para isso, peça-lhe para reler o diário com o objetivo de confirmá-la.	• Diários dos alunos	

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		Se for necessário, dê um parâmetro de comunicação para que os alunos pensem a respeito: áudio, vídeo, texto de ficção, texto de não ficção, fotografia e ilustração.		
15 minutos	Como eu me comunico melhor? – Parte 2	<p>Abra a fala para a turma. Se necessário, antes de cada um falar, reforce a importância do respeito e da gentileza.</p> <p>Neste bate-papo, peça que os alunos expliquem por que se sentem mais à vontade se comunicando por meio dos formatos comunicacionais x ou y (áudio, vídeo, texto de ficção, texto de não ficção, fotografia ou ilustração). Quando eles indicarem o porquê de se sentirem mais à vontade de um jeito ou de outro, você, professor(a), poderá apontar as habilidades que vê neles (concordando ou não com suas respostas).</p> <p>Às vezes, um jovem acha que não tem habilidade para escrever, por exemplo, mas você, como professor(a), percebe que ele é bom nisso. É importante pontuar e deixar que os colegas pontuem também.</p>		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
15 minutos	Analisando as narrativas nas diversas mídias – Parte 1	<p>Divida os alunos em seis grupos (áudio, vídeo, texto de ficção, texto de não ficção, fotografia e ilustração) – esta divisão pode ser feita por afinidade com a mídia ou pela curiosidade por conhecê-la melhor.</p> <p>Peça que os alunos pesquisem como os elementos da narrativa aparecem e se comunicam nessas mídias/formatos e quais são suas principais características, e que relacionem esses elementos ao público-alvo da mídia/formato pesquisado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Computadores com acesso à internet 	
10 minutos	Analisando as narrativas nas diversas mídias – Parte 2	<p>Mais uma vez, abra a conversa para a turma para que cada grupo apresente os resultados da pesquisa realizada.</p> <p>Peça que os alunos reflitam sobre o modo pelo qual eles melhor se comunicam e como isso se relaciona com os resultados das pesquisas de todos os grupos.</p> <p>Eles podem anotar essa reflexão no diário (tanto no momento da aula, enquanto ouvem as apresentações dos colegas, quanto em casa).</p>		
	Depois da aula	Envie o anexo 7 para leitura antes do próximo encontro.		<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 7 – “O texto fala: as vozes dos personagens”

0 texto fala: as vozes dos personagens

Professor(a), sugerimos que você envie a leitura complementar por e-mail no intervalo entre as aulas 7 e 8. Explique que apesar de ser um texto voltado a personagens de ficção, é bacana considerar alguns desses aspectos e informações, mesmo quando apresentamos uma pessoa na não ficção. No fim do texto há um pequeno exercício de escrita. Os alunos podem respondê-lo e enviar suas respostas para você por e-mail ou trocá-las entre eles. Se eles lhe enviarem, dê o retorno também por e-mail.

O texto fala: as vozes dos personagens

Por Ayumi Teruya, do Projeto Escrita Criativa

Não é segredo para ninguém que cada autor tem uma escrita diferente: palavras que costuma repetir, manias e outros toques que o fazem único. Porém, uma das grandes perguntas que todo escritor tem, seja no início ou durante a carreira, é: "Como tornar o meu personagem mais real?"

Não existe uma resposta única, muito menos uma fórmula secreta para o sucesso, mas existem alguns detalhes que devem ser levados em consideração, um deles é entender a voz do seu personagem.

Assim como cada escritor tem a sua própria maneira de escrever e falar, isso acontece também com os personagens que criamos. A fala de um personagem de 70 anos não será a mesma que a de um de 10, por isso é muito importante entender mais sobre a história de cada um deles: país de origem, elementos culturais ou a etnia, idade, gostos, personalidade...

Antes de explorar esses aspectos e aprender a criar um personagem verossímil, temos que entender a diferença entre língua e linguagem tomada por Barthes no seu discurso "Aula Inaugural", de 1977. Um primeiro ponto para deixar claro é que existe um poder por trás de cada língua que, muitas vezes, não o observamos porque já estamos acostumados a usá-la. Barthes diz que a linguagem é uma legislação e a língua é o seu código.

Podemos então entender que todo ser humano, seja de qualquer nacionalidade, possui linguagem. Nós somos seres que se comunicam por natureza, como podemos observar com a teoria do linguista Noam Chomsky que, em resumo, afirma que já nascemos com a linguagem, não a aprendemos, além de que possuímos uma Gramática Universal.

A partir disso, entendemos que a língua representa as variantes dentro dessa "legislação", são os diferentes "códigos" que usamos para comunicar. Cada um de nós pode escolher como quer comunicar algo, porém cada código impõe um limite. A língua é, dentro de tudo, opressiva. Isso significa que, uma vez que escolhemos dizer algo de determinada forma, estamos excluindo tudo aquilo que não dissemos e isso é uma escolha pessoal que pode revelar muito de uma pessoa.

Barthes dá um exemplo com o uso do masculino e feminino e do uso dos pronomes (tu para informal e vós para formal). No caso, sou obrigada a dizer “a” flor e não “o” flor, em português não existe – oficialmente – uma estrutura neutra como em outras línguas, um caso seria no inglês (it), mas isso se dá também em alemão e em francês. Outro exemplo são as palavras que escolhemos usar, eu posso dizer “bolacha” e não “biscoito”, a escolha de uma implica a exclusão da outra palavra, além de demonstrar, com uma simples palavra, um possível lugar de origem da pessoa.

Também podemos entender que não existem dois discursos iguais, cada um escolhe um modo de dizer a mesma coisa de acordo com a sua própria língua. Podemos pensar a partir da psicologia quando Lacan fala de *alíngua* (*lalangue*), uma língua própria do sujeito que contém aquilo que pode ser dito e o que não. Cada palavra é entendida e tomada de maneira diferente de acordo com a experiência, traumas e outros fatores que influenciam na vida da pessoa.

Agora você já sabe a diferença entre língua e linguagem, e que cada pessoa se expressa de uma maneira diferente através do poder do discurso. Como aplicar isso na narrativa e nos diálogos? Voltando aos pontos citados anteriormente, é muito importante conhecer a história do personagem para compreender como as variações linguísticas o afeta. O autor tem que saber de onde essa pessoa veio, como ela é, o que ela gosta e como isso influencia no seu próprio vocabulário – mesmo que o escritor não vá fornecer todas as informações aos seus leitores.

País de origem

O português de Portugal não é o mesmo utilizado no Brasil e muito menos o utilizado em Moçambique. A mesma coisa acontece dentro de um país tão grande como o Brasil: um gaúcho fala diferente de um paraense, que se difere do paulista, do baiano, do mato-grossense e do pernambucano. Cada lugar possui a sua variação, por isso é muito importante deixar isso claro. Ao definir, você já sabe qual é o repertório de palavras que estará disponível para esse personagem.

Elementos culturais + etnia

Imaginamos que o seu personagem nasceu no Brasil. De qual estado ele é? Além de ser brasileiro, existe alguma influência cultural dos seus antepassados?

Cada região do nosso país é rica em diversidade. Isso significa que um personagem que nasceu no Norte do país não usará o mesmo vocabulário que uma pessoa do Sul. Outra coisa é a descendência desse personagem, seus avós podem ter sido japoneses, então dentro do seu vocabulário podem existir palavras da cultura ou elementos que não estão tão presentes no discurso de uma família com descendência alemã.

Se um personagem refere-se à sua avó como “nona”, não precisamos nem escrever que possui descendência italiana, esse detalhe, que resume toda uma árvore genealógica, estará resumido a uma palavra, algo que o leitor captará pelas entrelinhas do texto.

Outra maneira de demonstrar a relação do personagem com determinada cultura também é a falta desse vocabulário. Por exemplo, um personagem nordestino que se muda para São Paulo e se recusa a utilizar palavras que usou sua vida inteira, poderia apresentar um conflito e diferentes motivos para essa recusa (como mudar a maneira de falar por preconceito por parte das pessoas que o rodeiam).

Idade

A idade do personagem influencia muito nas referências que ele usa, nas palavras que escolhe e nos temas que conversa. Você não verá uma personagem de 10 anos conversando sobre como foi difícil terminar a faculdade e encontrar um lugar para colocar silicone, da mesma forma que você não encontrará uma adulta dizendo que adora ir para a escolinha brincar com massinha (a menos que essas sejam as intenções do livro, uma ficção, outra realidade...). Você só deve ter muito cuidado para não exagerar nos estereótipos, por isso é importante ler e reler o texto, muitas vezes em voz alta, para ter certeza de que consegue imaginar uma pessoa real dizendo aquilo. Vale lembrar que muitos vocabulários se atualizam e ninguém fica para sempre cristalizado em uma lista de palavras específica, se você é um *millennial*, tenho certeza que passou da expressão “boy magia” para a palavra “crush”.

Gostos

Os gostos determinam os assuntos das conversas dos seus personagens e através deles você também pode determinar o quanto eles sabem sobre um determinado assunto. Todos nós temos gostos diferentes e isso também influencia a maneira como falamos sobre determinadas coisas.

Uma pessoa viciada em chocolate pode comentar curiosidades que demonstrem isso. Um personagem que gosta de viajar pode falar sobre aventuras e apresentar-se como alguém curioso. Em uma mesma atividade podemos observar o grau de conhecimento, é diferente dizer “eu fiz o *copywrite* daquele post” e “eu escrevi uma descrição para o post”. Também é muito diferente dizer “eu sou médico” e “eu estudei medicina”, no primeiro caso podemos inferir que o personagem atua como médico, já o outro deixa uma dúvida, porque ele pode ter estudado medicina, mas pode ter deixado a faculdade ou não exerce a profissão ainda.

Personalidade

Uma pessoa tímida não se expressará da mesma maneira que uma pessoa extrovertida, da mesma forma que uma pessoa mesquinha não tratará as pessoas da mesma forma que uma pessoa humilde.

As palavras que escolhemos e a maneira que descrevemos a forma de falar do personagem deve refletir a sua personalidade. Para personagens tímidos, as falas podem ser mais curtas, entrecortadas, com pausas e podemos utilizar indicações como: “falou baixo”, “murmurou”, “suspirou”; já para personagens extrovertidos, podemos usar frases mais longas, indicar agitação como em: “disse gargalhando alto”, “gritou para todo mundo ouvir”. Uma pessoa com baixa autoestima pode pedir desculpas constantemente, enquanto uma pessoa egocêntrica se refere a ela mesma todo o tempo.

Gênero

Se você se identifica com o gênero masculino, feminino ou não binário, estudos comprovam que existe uma tendência a se expressar de maneira diferente. As pessoas que se identificam com o gênero feminino, por exemplo, podem utilizar um vocabulário mais relacionado às emoções e às palavras no diminutivo, além de costumar dizer mais para explicar determinado assunto, entre outros aspectos. Já o gênero masculino pode se expressar de maneira mais inflexível, sendo mais direto na hora de falar, e não demonstrar tanta emotividade em seu discurso. É importante destacar que existe um amplo corpus de vocabulário tanto dentro do universo binário quanto do LGBTQ+ que pode sofrer variações e que representa a realidade de cada um desses gêneros. Sendo assim, é importante destacar que, dependendo de como a pessoa se identifica, ela pode ter um conjunto de vocabulário específico relacionado a essa identificação, a um certo padrão social e estereótipo cultural expressos em diferentes intensidades. Do mesmo modo, a pessoa pode se reconhecer com um determinado gênero e romper com a forma esperada desse gênero se expressar – seja esta ruptura consciente ou não.

São todos esses pequenos detalhes que fazem com que o seu personagem seja mais verossímil, tanto nos diálogos quanto na narrativa em primeira pessoa, ou nas descrições realizadas em terceira pessoa. A escolha de cada palavra, a forma que eles montam as frases e a maneira como eles dizem isso, podem indicar muito sobre as suas características, desde o lugar de onde nasceu até o grau de educação que chegou. Partindo sempre da ideia do *“show, don’t tell”*, é preferível demonstrar através da narrativa, das descrições, dos diálogos e dos detalhes do que resumir em uma frase “ele era...”, “ela é...”.

Uma atividade curtinha para que você possa praticar essa análise através de uma frase e possa aplicar nas suas histórias:

– A partir do trecho abaixo, escreva tudo o que você pode inferir/imaginar sobre esse personagem.

Exemplo:

a) – Estive toda a noite corrigindo as atividades de português e as minhas costas doem. Bem que a minha *obachan* dizia que essa profissão era nobre, mas cansativa. O pior de tudo é que amanhã vamos fazer uma festa de despedida de um colega de trabalho e tenho que comprar biscoitos para levar.

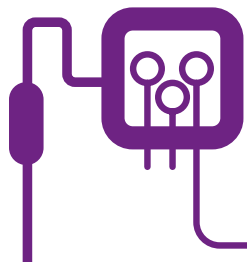
Resposta: de acordo com a frase da personagem, podemos chegar à conclusão que ela é professora de português, pela palavra “*obachan*” sabemos que tem descendência japonesa, e que ela provavelmente pode viver no Rio porque usa “biscoito”.

Sua vez:

b) – Não acredito que o Carlos me bloqueou no Tiktok! Juro para você que fiquei chocada com essa atitude dele, tenho certeza que foi porque ontem eu não quis ir com ele até o shopping comprar roupa. Aff, eu tenho coisas mais importantes para fazer, como jogar tênis aqui na quadra do condomínio com as minhas amigas.

c) – Eu me sentia sufocada no meio de tanta gente naquela balada, tentava falar, mas a minha voz saía por um fio, as pessoas não notavam a minha presença, mas eu não me importava muito com isso. Vi um menino se aproximar e o meu coração acelerou automaticamente ao perceber quem era, o ar saiu dos meus pulmões e meus olhos arregalaram, eu não podia acreditar que ele queria falar comigo! Minhas bochechas coraram instantaneamente, ele me cumprimentou com um beijo em cada bochecha e me entregou um copo de plástico com refrigerante dentro.

TERUYA, Ayumi. O texto fala: as vozes dos personagens. **Projeto Escrita Criativa**. 14 out. 2020. Disponível em: <http://projetoescritacriativa.blogspot.com/2020/10/o-texto-fala-as-vozes-dos-personagens.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 8

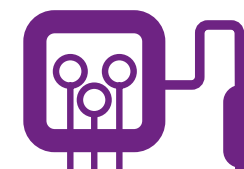
Os perigos de uma história única

Objetivos: ser consciente de que há narrativas que têm mais força e se sobressaem mais do que outras. Sensibilizar-se para a importância das outras narrativas. Identificar e analisar situações de histórias únicas na própria vivência.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	Professor(a), prepare a sala em formato de U para que todos possam se ver na roda de conversa e observar a projeção do vídeo da palestra.		
30 minutos	O perigo de uma história única	Professor(a), há duas formas de conduzir esta atividade: <ol style="list-style-type: none"> 1. Você pode assistir com a turma ao vídeo todo sem parar e depois abrir para a discussão; 2. Pausar o vídeo nos momentos em que julgar pertinente para discutir com os alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diários dos alunos • Computador e projetor 	<ul style="list-style-type: none"> • Palestra: TED. Chimamanda Adichie: o perigo de uma história única. [S. d.]. (19min16s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&t

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Independentemente da forma escolhida (considere o que pode ser mais proveitoso para o perfil da sua turma), antes de começar, é bacana você trazer um contexto, explicando o que é o TED e quem é a Chimamanda Adichie (ver material de apoio).</p>		<p>Acesso em: 1 dez. 2020. (Acesse as configurações do YouTube para ativar a legenda em português.)</p> <ul style="list-style-type: none"> Sobre o TED: TED (conferência). Wikipédia, 7 set. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/TED_(confer%C3%Aancia). Acesso em: 1 dez. 2020. Sobre Chimamanda Adichie
10 minutos	A minha história única	<p>Peça que os alunos compartilhem se eles já viveram uma história única (ou porque disseram algo sobre eles, ou porque eles reproduziram a história única sobre alguém).</p> <p>Se quiser, traga exemplos relacionados aos estereótipos do dia a dia desses jovens: qual é a história única que as pessoas têm de juventude? Dos moradores da periferia? De quem ouve funk, rap, k-pop, etc.? Das pessoas negras?</p>		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Registrando	Peça que os estudantes façam um registro dessa reflexão no diário.		
	Depois da aula	Envie o link e a transcrição da palestra para o grupo por e-mail para que eles tenham esse material.		<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 8 – “Transcrição da palestra de Chimamanda Adichie” • Palestra: TED. Chimamanda Adichie: o perigo de uma história única. [S. d.]. (19min16s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&t. Acesso em: 1 dez. 2020. (Acesse as configurações do YouTube para ativar a legenda em português.)



Transcrição da palestra de Chimamanda Adichie

O perigo de uma história única

(Chimamanda N. Adichie)

Tradução de Erika Rodrigues

Revisão por Haibara Idiomas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story: TED Global 2009. **TED**. [S. d.]. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript. Acesso em: 1 dez. 2020.

00:09

Eu sou uma contadora de histórias e gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que eu gosto de chamar “o perigo de uma história única.” Eu cresci num campus universitário no leste da Nigéria. Minha mãe diz que eu comecei a ler com 2 anos, mas eu acho que 4 é provavelmente mais próximo da verdade. Então, eu fui uma leitora precoce. E o que eu lia eram livros infantis britânicos e americanos.

00:36

Eu fui também uma escritora precoce. E quando comecei a escrever, por volta dos 7 anos, histórias com ilustrações em giz de cera, que minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve. Comiam maçãs. (Risos) E eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido. (Risos) Agora, apesar do fato que eu morava na Nigéria. Eu nunca havia estado fora da Nigéria. Nós não tínhamos neve, nós comíamos mangas. E nós nunca falávamos sobre o tempo porque não era necessário.

01:23

Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre porque as personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam cerveja de gengibre. Não importava que eu não tinha a mínima ideia do que era cerveja de gengibre. (Risos) E por muitos anos depois, eu desejei desesperadamente experimentar cerveja de gengibre. Mas isso é uma outra história.

01:41

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros.

02:12

Mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos de cavalo, também podiam existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia.

02:33

Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma história única sobre o que os livros são.

02:56

Eu venho de uma família nigeriana convencional, de classe média. Meu pai era professor. Minha mãe, administradora. Então nós tínhamos, como era normal, empregada doméstica, que frequentemente vinha das aldeias rurais próximas. Então, quando eu fiz 8 anos, arranjamos um novo menino para a casa. Seu nome era Fide. A única coisa que minha mãe nos disse sobre ele foi que sua família era muito pobre. Minha mãe enviava inhames, arroz e nossas roupas usadas para sua família. E quando eu não comia tudo no jantar, minha mãe dizia: "Termine sua comida! Você não sabe que pessoas como a família de Fide não têm nada?" Então eu sentia uma enorme pena da família de Fide.

03:40

Então, um sábado, nós fomos visitar a sua aldeia e sua mãe nos mostrou um cesto com um padrão lindo, feito de ráfia seca por seu irmão. Eu fiquei atônita! Nunca havia pensado que alguém em sua família pudesse realmente criar alguma coisa. Tudo que eu tinha ouvido sobre eles era como eram pobres, assim havia se tornado impossível para mim vê-los como alguma coisa além de pobres. Sua pobreza era minha história única sobre eles.

04:10

Anos mais tarde, pensei nisso quando deixei a Nigéria para cursar universidade nos Estados Unidos. Eu tinha 19 anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha "música tribal" e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey. (Risos) Ela presumiu que eu não sabia como usar um fogão.

04:47

O que me impressionou foi que ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição-padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem-intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma história única sobre a África. Uma história única de catástrofe. Nessa história única não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais.

05:18

Eu devo dizer que antes de ir para os Estados Unidos, eu não me identificava, conscientemente, como uma africana. Mas nos EUA, sempre que o tema África surgia, as pessoas recorriam a mim. Não importava que eu não sabia nada sobre lugares como a Namíbia. Mas eu acabei por abraçar essa nova identidade. E, de muitas maneiras, agora eu penso em mim mesma como uma africana. Entretanto, ainda fico um pouco irritada quando referem-se à África como um país. O exemplo mais recente foi meu maravilhoso voo dos Lagos 2 dias atrás, não fosse um anúncio de um voo da Virgin sobre o trabalho de caridade na “Índia, África e outros países”. (Risos)

05:53

Então, após ter passado vários anos nos EUA como uma africana, eu comecei a entender a reação de minha colega para comigo. Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por eles mesmos, e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil. Eu veria os africanos do mesmo jeito que eu, quando criança, havia visto a família de Fide.

06:32

Eu acho que essa história única da África vem da literatura ocidental. Então, aqui temos uma citação de um mercador londrino chamado John Lok, que navegou até o oeste da África em 1561 e manteve um fascinante relato de sua viagem. Após referir-se aos negros africanos como “bestas que não tem casas”, ele escreve: “Eles também são pessoas sem cabeças, que têm sua boca e olhos em seus seios”.

07:02

Eu rio toda vez que leio isso, e alguém deve admirar a imaginação de John Lok. Mas o que é importante sobre sua escrita é que ela representa o início de uma tradição de contar histórias africanas no Ocidente. Uma tradição da África subsaariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta, Rudyard Kipling, são “metade demônio, metade criança”.

07:29

E então eu comecei a perceber que minha colega de quarto americana deve ter, por toda sua vida, visto e ouvido diferentes versões de uma história única. Como um professor, que uma vez me disse que meu romance não era “autenticamente africano”. Bem, eu estava completamente disposta a afirmar que havia uma série de coisas erradas com o romance, que ele havia falhado em vários lugares. Mas eu nunca teria imaginado que ele havia falhado em alcançar alguma coisa chamada autenticidade africana. Na verdade, eu não sabia o que era “autenticidade africana”. O professor me disse que minhas personagens pareciam-se muito com ele, um homem educado de classe média. Minhas personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanas.

08:18

Mas eu devo rapidamente acrescentar que eu também sou culpada na questão da história única. Alguns anos atrás, eu visitei o México saindo dos EUA. O clima político nos EUA àquela época era tenso. E havia debates sobre imigração. E, como frequentemente acontece na América, imigração tornou-se sinônimo de mexicanos. Havia histórias infundáveis de mexicanos como pessoas que estavam espoliando o sistema de saúde, passando às escondidas pela fronteira, sendo presos na fronteira, esse tipo de coisa.

08:51

Eu me lembro de andar no meu primeiro dia por Guadalajara, vendo as pessoas indo trabalhar, enrolando tortilhas no supermercado, fumando, rindo. Eu me lembro que meu primeiro sentimento foi surpresa. E então eu fiquei oprimida pela vergonha. Eu percebi que havia estado tão imersa na cobertura da mídia sobre os mexicanos que eles haviam se tornado uma coisa em minha mente: o imigrante abjeto. Eu tinha assimilado a história única sobre os mexicanos e eu não podia estar mais envergonhada de mim mesma. Então, é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão.

09:35

É impossível falar sobre história única sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro". Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder.

10:09

Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano, e não com a criação colonial do estado africano, e você tem uma história totalmente diferente.

10:49

Recentemente, eu palestrei numa universidade onde um estudante disse-me que era uma vergonha que homens nigerianos fossem agressores físicos como o personagem do pai no meu romance. Eu disse a ele que havia terminado de ler um romance chamado "Psicopata Americano" – (Risos) – e que era uma grande pena que jovens americanos fossem assassinos em série. (Risos) (Aplausos) É óbvio que eu disse isso num leve ataque de irritação. (Risos)

11:27

Nunca havia me ocorrido pensar que só porque eu havia lido um romance no qual um personagem era um assassino em série, que isso era, de alguma forma, representativo de todos os americanos. E isso não é porque eu sou uma pessoa melhor do que aquele estudante, mas, devido ao poder cultural e econômico da América, eu tinha muitas histórias sobre a América. Eu havia lido Tyler, Updike, Steinbeck e Gaitskill. Eu não tinha uma história única sobre a América.

11:52

Quando eu soube, alguns anos atrás, que escritores deveriam ter tido infâncias realmente infelizes para ter sucesso, eu comecei a pensar sobre como eu poderia inventar coisas horríveis que meus pais teriam feito comigo. (Risos) Mas a verdade é que eu tive uma infância muito feliz, cheia de risos e amor, em uma família muito unida.

12:14

Mas também tive avós que morreram em campos de refugiados. Meu primo, Polle, morreu porque não teve assistência médica adequada. Um dos meus amigos mais próximos, Okoloma, morreu num acidente aéreo porque nossos caminhões de bombeiros não tinham água. Eu cresci sob governos militares repressivos que desvalorizavam a educação, então, por vezes, meus pais não recebiam seus salários. E então, ainda criança, eu vi a geleia desaparecer do café da manhã, depois a margarina desapareceu, depois o pão tornou-se muito caro, depois o leite ficou racionado. E, acima de tudo, um tipo de medo político normalizado invadiu nossas vidas.

12:55

Todas essas histórias fazem-me quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a história única.

13:22

Claro, África é um continente repleto de catástrofes. Há as enormes, como as terríveis violações no Congo. E há as depressivas, como o fato de 5.000 pessoas candidatarem-se a uma vaga de emprego na Nigéria. Mas há outras histórias que não são sobre catástrofes. E é muito importante, é igualmente importante, falar sobre elas.

13:42

Eu sempre achei que era impossível relacionar-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem relacionar-me com todas as histórias daquele lugar ou pessoa. A consequência de uma história única é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes.

14:06

E se antes de minha viagem ao México eu tivesse acompanhado os debates sobre imigração de ambos os lados, dos Estados Unidos e do México? E se minha mãe nos tivesse contado que a família de Fide era pobre “e” trabalhadora? E se nós tivéssemos uma rede televisiva africana que transmitisse diversas histórias africanas para todo o mundo? O que o escritor nigeriano Chinua Achebe chama “um equilíbrio de histórias”.

14:31

E se minha colega de quarto soubesse do meu editor nigeriano, Mukta Bakaray, um homem notável que deixou seu trabalho em um banco para seguir seu sonho e começar uma editora? Bem, a sabedoria popular era que nigerianos não gostam de literatura. Ele discordava. Ele sentiu que pessoas que podiam ler, leriam, se a literatura se tornasse acessível e disponível para eles.

14:53

Logo após ele publicar meu primeiro romance, eu fui a uma estação de TV em Lagos para uma entrevista. E uma mulher que trabalhava lá como mensageira veio a mim e disse: “Eu realmente gostei do seu romance, mas não gostei do final. Agora você tem que escrever uma sequência, e isso é o que vai acontecer...”. (Risos) E continuou a me dizer o que escrever na sequência. Agora eu não estava apenas encantada, eu estava comovida. Ali estava uma mulher, parte das massas comuns de nigerianos, que não se supunham ser leitores. Ela não tinha só lido o livro, mas ela havia se apossado dele e sentia-se no direito de me dizer o que escrever na sequência.

15:30

Agora, e se minha colega de quarto soubesse de minha amiga Fumi Onda, uma mulher destemida que apresenta um show de TV em Lagos, e que está determinada a contar as histórias que nós preferimos esquecer? E se minha colega de quarto soubesse sobre a cirurgia cardíaca que foi realizada no hospital de Lagos na semana passada? E se minha colega de quarto soubesse sobre a música nigeriana contemporânea? Pessoas talentosas cantando em inglês e Pidgin, e Igbo e Yoruba e Ijo, misturando influências de Jay-Z a Fela, de Bob Marley a seus avós. E se minha colega de quarto soubesse sobre a advogada que recentemente foi ao tribunal na Nigéria para desafiar uma lei ridícula que exigia que as mulheres tivessem o consentimento de seus maridos antes de renovarem seus passaportes? E se minha colega de quarto soubesse sobre Nollywood, cheia de pessoas inovadoras fazendo filmes apesar de grandes questões técnicas? Filmes tão populares que são realmente os melhores exemplos de que nigerianos consomem o que produzem. E se minha colega de quarto soubesse da minha maravilhosamente ambiciosa trançadora de cabelos, que acabou de começar seu próprio negócio de vendas de extensões de cabelos? Ou sobre os milhões de outros nigerianos que começam negócios, e às vezes fracassam, mas continuam a fomentar ambição?

16:44

Toda vez que estou em casa, sou confrontada com as fontes comuns de irritação da maioria dos nigerianos: nossa infraestrutura fracassada, nosso governo falho. Mas também pela incrível resistência do povo que prospera apesar do governo, em vez de devido a ele. Eu ensino em workshops de escrita em Lagos todo verão. E é extraordinário para mim ver quantas pessoas se inscrevem, quantas pessoas estão ansiosas por escrever, por contar histórias.

17:11

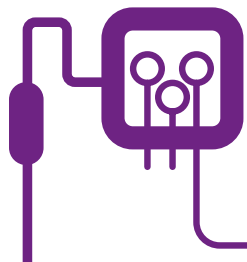
Meu editor nigeriano e eu começamos uma ONG chamada Farafina Trust. E nós temos grandes sonhos de construir bibliotecas e recuperar bibliotecas que já existem e fornecer livros para escolas estaduais que não têm nada em suas bibliotecas, e também organizar muitos e muitos workshops, de leitura e escrita, para todas as pessoas que estão ansiosas para contar nossas muitas histórias. Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.

17:53

A escritora americana Alice Walker escreveu isso sobre seus parentes do Sul que haviam se mudado para o Norte. Ela os apresentou a um livro sobre a vida sulista que eles tinham deixado para trás. "Eles sentaram-se em volta, lendo o livro por si próprios, ouvindo-me ler o livro, e um tipo de paraíso foi reconquistado." Eu gostaria de finalizar com esse pensamento: quando rejeitamos uma história única, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre qualquer lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. Obrigada. (Aplausos)

Sobre Chimamanda Adichie:

1. CHIMAMANDA Ngozi Adichie. **Wikipédia**. 16 set. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chimamanda_Ngozi_Adichie. Acesso em: 1 dez. 2020.
2. 7 COISAS que você não sabia sobre Chimamanda Adichie. **TAG Experiências Literárias**. 20 set. 2017. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/7-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-chimamanda-adichie/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
3. JIMÉNEZ, Claudia Salazar. Chimamanda Ngozi Adichie: "Nossa época obriga a tomar partido". **El País**. 11 out. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html. Acesso em: 1 dez. 2020.



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

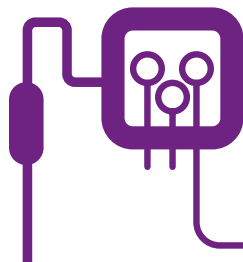
Aula 9

Escrevendo
uma narrativa

Objetivo: elaborar uma narrativa baseada nos conhecimentos adquiridos e fontes apresentadas na oficina.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Afinando o propósito	<p>Professor(a), resgate brevemente os principais pontos da eletiva até aqui:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como registrar o nosso olhar no mundo e ter uma fonte inesgotável de ideias (resgatar a importância do uso do diário). • Como nós mesmos (e as pessoas ao nosso redor) somos fontes inesgotáveis de narrativas. • Como nos comunicamos melhor. • Quais as formas de comunicação. • De quais elementos precisamos para contar uma boa narrativa. • Como esses elementos se constituem para formar uma boa história. • Os perigos de ouvirmos e transmitirmos uma história única. 		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
40 minutos	Escrevendo a minha história	<p>Entregue uma folha para cada pessoa do grupo e peça que colham do seu diário algum acontecimento que sirva de inspiração para uma história e escrevam uma breve narrativa, considerando o que foi estudado previamente.</p> <p>Diga que eles podem transformar o fato do diário em ficção, colocando-o em outro contexto, dando diferentes nomes às pessoas envolvidas, alterando a narrativa para o passado ou futuro, etc.</p> <p>No fim da aula, recolha as folhas para que elas não se percam ou sejam esquecidas – os alunos usarão esse texto no encontro 10.</p> <p>Se a atividade for realizada no computador, certifique-se de que todos salvem o arquivo antes do fim da aula. Você pode combinar um padrão de nome de arquivo e local de salvamento, para que o texto seja resgatado na aula seguinte.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Diários dos alunos • Caneta ou computador 	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 9 – “Modelo de folha pautada: frente e verso”



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 10

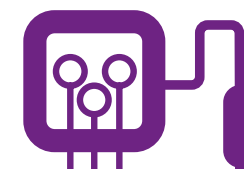
Desenvolvendo o olhar crítico: o apoio e a reescrita – Parte 1

Objetivos: praticar o olhar técnico e crítico para a narrativa dos pares. Cooperar com os processos criativos entre os colegas. Analisar criticamente o próprio trabalho. Reelaborar o texto a partir de feedback dos pares.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Retomando a narrativa anterior	<p>Professor(a), este encontro dará continuidade ao anterior. Explique aos alunos que uma narrativa não fica pronta na primeira versão e que o encontro de hoje servirá para aprimorar o texto.</p> <p>Para isso, divida os alunos em pares e devolva as narrativas da aula anterior junto com uma cópia do anexo 10. Peça que as duplas troquem as redações, de modo que cada aluno fique com a narrativa do seu par.</p>		<ul style="list-style-type: none"> Anexo 10 – “Modelo de análise crítica da narrativa”

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Entendendo como comentar	<p>Projete o anexo 10 para os alunos e explique que eles farão uma leitura crítica sobre o texto dos seus colegas. Reforce a importância do respeito e explique que a crítica passa por aspectos técnicos (não apenas pelo gosto pessoal).</p> <p>Também reforce que o comentário é para o texto, não para o seu autor. Logo, não é para levar os comentários para o lado pessoal.</p> <p>Diga que eles não farão qualquer rasura ou alteração no texto do seu par; todas as anotações deverão ser realizadas na folha do anexo 10.</p> <p>Passe ponto a ponto para ver se há alguma dúvida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Computador e projetor 	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 10 – “Modelo de análise crítica da narrativa”
20 minutos	Sendo crítico literário	<p>Deixe esta parte da aula para que os alunos leiam e preencham o modelo de análise crítica da narrativa para os colegas. Enquanto isso, transite pela sala para ver se algum aluno tem dúvida.</p> <p>Passe o grampeador pelos alunos e peça que eles grampeiem a ficha às redações, de modo que você tenha acesso a todo o material depois.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grampeador 	

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
10 minutos	Fazendo ajustes	Peça que os estudantes devolvam as redações aos seus donos, e que os autores façam os ajustes nos textos, conforme o retorno recebido.		
5 minutos		Por fim, peça que todos lhe entreguem as redações novamente.		
	Para a próxima aula	Explique que você ainda não fará um feedback dos textos, porque esta atividade terá continuação na próxima etapa.		
		Envie a leitura complementar para os alunos (anexo 10.1). Confira os comentários feitos para perceber se os estudantes estão seguindo a postura esperada (tanto no que diz respeito à gentileza com os colegas quanto à capacidade de tecer um olhar e um comentário críticos ao texto).		<ul style="list-style-type: none"> Anexo 10.1 – “Leitura complementar: O que é uma boa revisão?”, de Carol Machado (do blog Revisão para quê?)



Modelo de análise crítica da narrativa

Professor(a), o modelo de ficha abaixo pode ser modificado por você de acordo com as necessidades do seu grupo de estudantes. Nesta ficha, buscamos retomar os elementos já trabalhados, bem como fazer com que os participantes da eletiva reflitam sobre o que será explorado nos próximos encontros. Alguns campos (como letra legível, gramática e ortografia) foram inseridos para atividades feitas à mão, pensando que são fatores importantes a serem desenvolvidos, uma vez que são trabalhados nos vestibulares. Você também pode utilizar uma ficha digital, caso na sua escola exista essa possibilidade.

O material está dividido em três blocos. Os dois primeiros trazem perguntas e respostas “sim” ou “não” e um campo para comentários. O terceiro, além do espaço para comentários, apresenta perguntas abertas. Em frente a cada pergunta há o campo de estudo trabalhado. Estimule os alunos para que escrevam comentários aos colegas para sugerir soluções dos problemas apontados e que elogiem o que lhes agrada sobre os aspectos avaliados.

Roteiro de análise crítica da narrativa

Comentarista:	
Título da narrativa:	
Autor(a) da narrativa:	
Data:	

Sobre a narrativa:	Sim	Não
1. É possível entender que história o autor queria contar? (<i>Enredo</i>).		
2. É possível identificar quando a história acontece? (<i>Tempo</i>).		
3. Você acha que o autor precisa pesquisar alguma informação para compor melhor a narrativa? (<i>Enredo</i>).		
4. Os espaços em que a história acontece estão definidos? (<i>Espaço</i>).		
5. É fácil identificar todos os personagens da narrativa? (<i>Personagens</i>).		
6. Todos os personagens têm uma função ou um propósito na história? (<i>Personagens</i>).		
7. A quantidade de personagens é adequada para a história que está sendo contada? (<i>Personagens</i>).		
8. A atitude dos personagens está de acordo com sua característica pessoal/personalidade, proposta pelo(a) autor(a)? (<i>Personagens</i>).		
9. O ritmo dos acontecimentos está adequado à proposta? (<i>Ação</i>).		
10. O título da narrativa está de acordo com a história? (<i>Estrutura</i>).		
11. Há algum trecho e/ou personagem que não soam verdadeiros? (<i>Verossimilhança</i>).		
12. Há alguma informação que não foi dada por completo ou que esteja faltando? (<i>Estrutura</i>).		
13. Você considera essa narrativa criativa?		

Deixe algum comentário (crítica, sugestão de melhoria, elogio) relevante sobre a narrativa:

Sobre a linguagem:	Sim	Não
14. O grau de formalidade empregado está de acordo com a época em que a história é narrada e com seus personagens? (<i>Variação linguística</i>).		
15. O vocabulário empregado está de acordo com a época em que a história é narrada? (<i>Variação linguística</i>).		
16. O(a) autor(a) faz o uso adequado de maiúsculas e minúsculas? (<i>Ortografia</i>).		
17. O(a) autor(a) faz o branco paragrafado (espaço no início de cada parágrafo)? (<i>Gramática</i>).		
18. Há algum trecho confuso por causa da pontuação? (<i>Gramática</i>).		
19. Há muita repetição de palavras que o(a) autor(a) precise rever? (<i>Coesão</i>).		
20. Há muita repetição de ideias que o(a) autor(a) precise rever? (<i>Coerência/pleonasmos</i>).		
21. A acentuação foi feita adequadamente? (<i>Ortografia</i>).		
22. A distribuição (divisão) dos parágrafos está adequada? (<i>Estrutura</i>).		
23. O texto segue uma padronização (escrita de número, abreviaturas, etc.)? (<i>Estrutura</i>).		
24. No caso de texto digitado, há padronização de recursos como negrito e itálico? (<i>Estrutura</i>).		
25. No caso de texto manuscrito, a caligrafia do(a) autor(a) está legível? Houve alguma dificuldade para compreensão do que estava escrito por causa dela? (<i>Estrutura</i>).		

Deixe algum comentário (crítica, sugestão de melhoria, elogios) relevante sobre a linguagem:

Público-alvo e distribuição:	Escreva a sua resposta:
<p>26. Quem você acredita ser o público-alvo dessa narrativa? (<i>Público-alvo</i>).</p>	
<p>27. A narrativa está estruturada para atender àquilo que é esperado por esse público-alvo ou precisa ser adaptada? (<i>Público-alvo</i>).</p>	
<p>28. Se apresentada em formato de texto, essa narrativa poderia melhorar se fosse complementada por algum componente visual (ilustrações ou fotografia)?</p>	
<p>29. Tendo em mente o público-alvo apresentado por você e o conteúdo da história, de qual modo você imagina que essa narrativa pode ganhar o mundo (livro, blog, vídeo, podcast, animação, documentário, peça de teatro, palestra, etc.)? Por quê? (<i>Formas de difusão</i>).</p>	

Deixe algum comentário (crítica, sugestão de melhoria, elogios) relevante sobre o público-alvo ou sobre as formas de distribuição:

Deixe algum comentário extra para o(a) autor(a) do texto. Aqui valem indicações daquele livro, filme, música, série, vídeo, podcast de que você se lembrou enquanto lia a narrativa:

Leitura complementar: o que é uma boa revisão?

Leia a seguir o texto de Carol Machado, publicado no blog Revisão para quê?.

Que critérios você usaria para definir uma boa revisão? Que pistas podemos seguir para estabelecer que um texto está livre de erros? Definir o que é uma boa revisão, hoje, é fazer mais perguntas do que obter respostas.

– Carol Machado, 1 fev. 2019.

Você já parou para pensar que tipos de critérios são usados para **definir o que é uma boa revisão**? Eles existem? Onde vivem? De que se alimentam?

No ano passado lancei um formulário de cadastro para revisores para que pudesse ter alguns contatos caso a demanda de trabalho fosse maior do que pudesse dar conta. No fim dele, propunha que a pessoa revisasse um texto de uma página como um teste simples. “Simples”, pensei.

Um dos meus objetivos era dar um feedback a todos que fizeram o teste, porque seria uma forma de valorizar o tempo que a pessoa disponibilizou para aquela tarefa. O que não imaginava é que testes podem ser bastante complicados para quem avalia.

Os critérios a adotar na avaliação foram o primeiro e maior desafio. Como definir uma forma de comparar quem foi bem e quem não foi tão bem na tarefa? Afinal, o que define uma boa revisão?

Definir o que é uma boa revisão, hoje, é fazer mais perguntas do que obter respostas.

Antes mesmo de começar a corrigir os testes, surgiu uma série de questões:

- Avaliar o que foi feito ou o que deixou de ser feito, mas precisava ser feito?
- Penalizar quem mexeu no estilo do texto?
- Exaltar quem conseguiu o melhor resultado com o menor número de intervenções?
- Restringir a análise a questões puramente gramaticais?

Diante dessas perguntas, foi preciso fazer escolhas. Definir critérios e segui-los o mais fielmente possível.

Com inspiração no trabalho do pessoal do projeto Transmit e adaptando os critérios usados em avaliação de qualidade de traduções, encontrei um norte que poderia guiar meu trabalho. Assim, foram estabelecidos cinco critérios:

- Ortografia
- Pontuação
- Gramática
- Adequação vocabular
- Pesquisa e padronização

Os critérios de **gramática**, **pontuação** e **ortografia** são comuns, por isso acredito que não gerem dúvidas. Pontuação e ortografia foram separados do item de gramática porque em geral têm mais peso que outras questões gramaticais no ponto de vista do cliente.

Já a **adequação vocabular** diz respeito principalmente à repetição de palavras (algo muito importante para os clientes que tenho na casa) e uso das palavras semanticamente adequadas ao contexto.

Em pesquisa e padronização, aponte erros de grafia em nomes próprios (pois aqui lidamos com textos jornalísticos e muitos nomes), bem como uso padronizado de maiúsculas e minúsculas, itálico ou outros destaques.

Avaliar regularidades ou irregularidades?

Depois, era preciso avaliar o que foi feito (mudanças nos textos) ou o que não foi feito (pontos que precisavam ser modificados e não foram). Escolhi o segundo pelo seguinte motivo: como atividade subjetiva e até mesmo criativa, cada revisão é única. Isso quer dizer que cada revisor pode encontrar diferentes soluções em relação ao mesmo problema.

Optei, então, por trabalhar com o que seria sempre regular; como a base de trabalho (texto) era a mesma para todos, apresentando a mesma dificuldade, assim seria possível entender os pontos fortes e fracos de cada um.

Essa forma foi a mais justa que encontrei para avaliar os mais de 70 testes que recebi. Não creio que tenha chegado a uma fórmula mágica, mas me parece um início promissor para a construção de algo melhor no futuro.

Por que ninguém até hoje se atreveu a definir o que é uma boa revisão?

Ainda não li um texto que chegasse à clara conclusão sobre o que é uma boa revisão. Alguns autores já definiram o que entendem ser revisão de textos e alguns critérios para fazer uma revisão.

O que vejo, no entanto, é que não há de fato um fio condutor que oriente quem chega ao mercado sobre o que é preciso aprender, como aprender. Do lado do cliente, não há indicadores que possam orientá-lo na avaliação do trabalho profissional.

E é normal que seja assim. A língua não é lógica, fixa, objetiva. Ela flui conforme o contexto, o autor, o leitor. Veja como Marco Neves descreve esse dinamismo de uma forma bonita e muito melhor do que eu poderia um dia fazer:

Se olharmos de fora, todas as línguas são estranhas, são mecanismos espantosos, criados ao longo de séculos sem que ninguém planeie as suas estruturas ou os recantos emaranhados – a complexidade de cada língua nasce da interação de milhões de falantes; é um sistema feito de hábitos antigos, regras que começam a cristalizar-se e, depois, a desfazer-se, metáforas que se tornam palavras correntes, palavras correntes que se tornam parte da gramática... As línguas nunca estão paradas, e é espantoso ver como estes mecanismos cerebrais se vão recriando, destruindo e construindo continuamente ao longo dos tempos, como nuvens de beleza estonteante – e que, ainda por cima, nos deixam comunicar uns com os outros ou apenas dizer o que nos vai no corpo.

De qualquer forma, quando trabalhamos com alguma coisa, qualquer coisa, precisamos de mecanismos que nos deem pistas a respeito do nosso desempenho em determinada tarefa. E isso ainda inexistente formalmente, até onde sei, na revisão.

O que aprendi corrigindo testes de revisão.

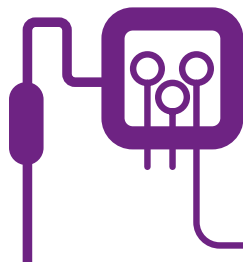
Como essa foi uma atividade bastante nova para mim, encontrei nela uma oportunidade de parar e pensar quais são minhas “picuinhas linguísticas”, refletir sobre o que meus clientes de revisão mais exigem e ainda entender como eu poderia avaliar pessoas que ao mesmo tempo são tão diferentes, mas compartilham um mesmo interesse, um mesmo objetivo.

E assim percebi algumas coisas importantes:

- Fazer testes baseados em textos reais, quase sem inserção de erros propositais, é muito difícil. Entretanto, também mostra com mais fidelidade quem tem alguma noção do riscado.
- Precisamos, sim, de padrões de qualidade de revisão pelos quais nos guiar.
- Nós somos inevitavelmente mais julgados pelo que deixamos de fazer do que pelo que fazemos no texto.

Fonte:

MACHADO, Carol. O que é uma boa revisão. **Revisão para quê?**. 1 fev. 2019. Disponível em: <https://revisaoparaque.com/blog/o-que-e-uma-boa-revisao/> Acesso em: 24 nov. 2020.



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

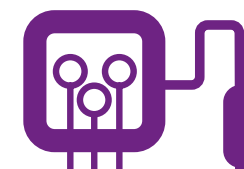
Aula 11

O ponto de vista é a vista de um ponto

Objetivos: reconhecer as diferenças entre pontos de vista (foco narrativo). Analisar os impactos de cada ponto de vista e como eles podem ou não se conectar com a narrativa escrita nos pontos anteriores.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	Professor(a), antes da aula, prepare o ambiente para a contação de uma história – em formato de U ou de roda. Caso queira se aprofundar no estudo sobre foco narrativo, recomendamos que leia o artigo “O ponto de vista na ficção”, de Norman Friedman, publicado na Revista USP, e o texto “Foco narrativo: o que é, tipos e exemplos”, de Ane Venâncio.		<ul style="list-style-type: none"> • FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. Fábio Fonseca de Melo. Revista USP, n. 53, p. 166-182, São Paulo, mar./maio 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4995870/mod_resource/content/2/Friedman.Ponto%20de%20vista.pdf. Acesso em: 1 dez. 2020. • VENÂNCIO, Ane. Foco narrativo: o que é, tipos e exemplos. Projeto Escrita Criativa. 29 jul. 2020. Disponível em: http://projetoescritacriativa.blogspot.com/2020/07/tiposeexemplosdefoconarrativo.html. Acesso em: 1 dez. 2020.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Eu conto a minha história – Parte 1	Professor(a), conte a narrativa 1 (do anexo 11) para os alunos. Tente interpretar a história de forma dramática (como um ator faria). Você pode narrar o texto ao seu modo ou fazer a leitura.		• Anexo 11 – “Histórias com diferentes pontos de vista – História 1”
10 minutos	Eu conto a minha história – Parte 2	Em roda de conversa, peça que os alunos apontem os elementos da narrativa e digam como se sentiram ao ouvir a história. Algumas perguntas norteadoras podem ser: <ul style="list-style-type: none"> • Como essa história foi narrada: no presente ou no passado? • Você consegue identificar quem está contando a história? • Você se sentiu próximo de todos os personagens ou só de alguns deles? • Você conseguiu saber tudo sobre o que era contado ou apenas uma parte da história? Por quê? 		



Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Eu conto a minha história para você – Parte 1	Professor(a), agora diga ao grupo que ele ouvirá outra história e conte a narrativa 2 (do anexo 11). Repita o processo de tentar interpretar a história de forma dramática (como um ator faria). Mais uma vez, você pode narrar o texto ao seu modo ou fazer a leitura da história.		• Anexo 11 – “Histórias com diferentes pontos de vista – História 2”
10 minutos	Eu conto a minha história para você – Parte 2	Novamente em roda de conversa, peça que os alunos apontem os elementos da narrativa e digam como se sentiram ao ouvir a história. Algumas perguntas norteadoras podem ser: <ul style="list-style-type: none"> • Como essa história foi narrada: no presente ou no passado? • Você consegue identificar quem está contando a história? • Você se sentiu próximo de todos os personagens ou só de alguns deles? • Quais são as diferenças que você consegue notar entre as formas de contar a história 1 e a história 2? 		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Alguém conta uma história – Parte 1	Professor (a), passe agora para a última história e conte a narrativa 3 (do anexo 11) para os alunos. Repita o processo de tentar interpretar a história de forma dramática (como um ator faria). Mais uma vez, você pode narrar o texto ao seu modo ou fazer a leitura da história.		• Anexo 11 – “Histórias com diferentes pontos de vista – História 3”
10 minutos	Alguém conta uma história – Parte 2	<p>Mais uma vez em roda de conversa, peça que os alunos apontem os elementos da narrativa e digam como se sentiram ao ouvir a história. Algumas perguntas norteadoras podem ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como essa história foi narrada: no presente ou no passado? • Você consegue identificar quem está contando a história? • Você se sentiu próximo de todos os personagens ou só de alguns deles? • Quais são as diferenças que você consegue notar entre as formas de contar a história 1, a história 2 e a história 3? 		
	Depois da aula	Envie por e-mail o anexo 11.1 e peça que os alunos o leiam até o próximo encontro, pois as informações serão utilizadas em aula, e façam um registro de suas percepções em seus diários.		• Anexo 11.1 – “Ponto de vista: quem está contando a história?”

Histórias com diferentes pontos de vista

História 1 (narrador em primeira pessoa)

Leia a seguir o texto *Cecília*, de Iris Figueiredo, publicado no livro *Céu sem estrelas*.

Cecília

Não dava para acreditar no que estava acontecendo. Olhei em volta à procura de uma câmera escondida, qualquer sinal de que as últimas semanas tinham sido uma piada de mau gosto e que encarar a Marlene — ou Maléfica — era apenas o desfecho da grande pegadinha que minha vida se tornara. Mas era óbvio que não havia câmeras escondidas. Assim como todos os outros desastres recentes estrelados por mim mesma, a situação era real.

Só havia um motivo para ser convocado ao Calabouço, e todo mundo sabia disso. Chamávamos a salinha nos fundos da loja assim porque era apertada, claustrofóbica, e as pessoas recebiam sua sentença de morte lá. O pequeno escritório improvisado pela gerente ganhara esse nome muito antes de eu começar a trabalhar na *Papel & Letras*, uma livraria charmosa, porém atolada em dívidas, localizada no primeiro piso de um dos únicos shoppings da cidade.

A ansiedade me fez roer as unhas do polegar, uma mania péssima que havia adquirido ainda criança. Maléfica me olhava com reprovação, e me perguntei se meus maus hábitos figuravam na lista de motivos para estar sentada à sua frente, prestes a receber o pior presente de aniversário de todos os tempos.

Nos meses anteriores, minha vida parecia uma grande produção da Shonda Rhimes, com dramas, desgraças e reviravoltas para ninguém botar defeito.

Preciso desse emprego, repetia para mim mesma. Ela é malvada, mas não chega a tanto. Ninguém demitiria uma funcionária no dia do aniversário.

Mas ela não tinha recebido o apelido de Maléfica à toa.

O sorriso de Marlene era desconcertante, preso em seus lábios de forma artificial e levemente assustadora. Mais cedo naquele mesmo dia, ela havia me dado os parabéns. Eu nem imaginava que horas depois estaria sentada em sua sala, esperando que ordenasse que cortassem minha cabeça, no melhor estilo Rainha de Copas.

— Cecília, acho que você deve imaginar por que te chamei até aqui.

Àquela altura eu já não tinha mais unhas e mordiscava o sabugo. Minha aparência provavelmente estava pior que o normal, mas era demais para processar. Me fiz de desentendida, porque não queria assumir que sabia o motivo de ter sido chamada para um tête-à-tête.

Eu podia apostar que Stephanie e Juliano estavam empoleirados do outro lado da porta, fingindo trabalhar enquanto tentavam ouvir a conversa dentro do cubículo.

– O contrato? – perguntei, com um otimismo que beirava o ridículo. Tinha lido em um volume da seção de autoajuda que quando permanecíamos positivos diante de uma situação era muito mais fácil que os outros correspondessem às nossas expectativas.

Eu era uma funcionária temporária. No fim de novembro, tinha sido admitida como “colaboradora” – odiava essa palavra – para ajudar com as vendas de fim de ano. Permaneci por causa do período de volta às aulas, quando mães desesperadas e crianças com mãozinhas ávidas por arrancar páginas de romances do Mario Vargas Llosa corriam pela livraria desembestadas. Ao fim do expediente, passávamos boa parte do tempo recolhendo os livros que haviam sido abandonados nos cantos da livraria por clientes que não tinham nada para fazer além de bagunçar nossa organização.

Mas meu contrato estava prestes a expirar. Eu nutria uma esperança inútil de que seria renovado. Era uma boa funcionária, vendia mais que a maioria dos livreiros ali, e meu único defeito era ler todos os livros jovens adultos que chegavam quando tinha um tempinho livre.

– Mais ou menos. Quer dizer, é sobre o contrato, mas... – Marlene parecia nervosa. Ela ajeitou os óculos, que haviam escorregado para a ponta do nariz de tucano, como fazia sempre que estava prestes a dar um sermão. Por reflexo, eu a imitei e ajeitei meus próprios óculos. Felizmente ela não percebeu, senão era capaz de achar que eu estava fazendo aquilo só para provocá-la. – Temos um pequeno problema.

Me ajeitei na cadeira, desconfortável, imaginando o que viria em seguida. Eu não chamaria aquilo de “pequeno problema”, estava mais para o nível “meteoro caindo na cabeça”. Uma bomba que explodiria a qualquer momento. Quase podia ouvir o tique-taque do cronômetro marcando meus últimos minutos como empregada.

– Problema? – perguntei, fingindo não entender direito o que ela dizia. – Alguma coisa com os meus documentos? Se precisar, trago os originais de novo. Marlene também se acomodou melhor no assento. Talvez tivesse um coração. Ou não, como provou em seguida.

– Na verdade, querida, não temos como renovar seu contrato.

Foi no “querida” que ela me quebrou. Odiava aquela palavra – era sempre condescendente e vinha acompanhada de algum comentário terrível.

– Como assim?

Parabéns, Cecília, agora você só parece patética.

– Você foi uma ótima adição ao time – ela disse, tratando os funcionários como uma família feliz –, mas infelizmente estamos atravessando um período de crise e não podemos manter você.

Ela continuou a falar, mas meu cérebro já havia desligado. Era meu primeiro emprego. Assim que saí da escola, a primeira coisa que fiz foi procurar trabalho. Precisava dele por uma centena de motivos, especialmente dinheiro, naquele momento ainda mais do que quando tinha entregado meu currículo. Mas ia me tornar apenas uma estatística, outra pessoa na fila do desemprego.

Marlene me brindou com um discurso de agradecimento, uma sequência de frases automáticas que provavelmente já havia repetido para outros “colaboradores” que deram o sangue tentando impressionar, mas foram chutados na primeira oportunidade. Eu só tentava não chorar de frustração. Enquanto fingia escutar seu consolo vazio, pensava em como dar a notícia à minha mãe. Estávamos quebradas e qualquer centavo faria diferença. Eu sabia que ela não reagiria bem.

As palmas das minhas mãos suavam. Estava prestes a ter um colapso, mas por fora acenava repetidamente com a cabeça, com um sorriso alucinado no rosto.

– Tá. Tudo bem, tudo bem. Tuuuuudo bem – repetia sem parar.

Cala a boca, Cecília, pensei, mas era meio impossível ficar quieta estando tão nervosa.

– Você está bem?

– Estou ótima – falei. – Acho que vai ser ótimo. Maravilhoso mesmo. Quer dizer, preciso de novos horizontes. Me dedicar à faculdade. Comecei agora, sabe? A faculdade. Estudo desenho industrial. Muito bom, muito legal mesmo, tem menos desenho do que eu imaginei que teria, mas estou gostando.

Eu não conseguia parar de falar.

Em minha ansiedade eufórica, palavras sem nenhum significado se atropelavam.

Era óbvio que eu *não* estava bem. Como alguém na minha situação poderia estar?

– Hum, certo. Que bom. Enfim, você pode recolher suas coisas e... – Marlene explicou tudo o que eu precisava fazer para dar cabo à demissão. – Ah, e não precisa vir mais a partir de amanhã – ela completou, me dispensando com um aceno, sem o menor sinal de ressentimento.

Levantei, juntando o pouco de dignidade que me restava e pedindo licença para me retirar. Fui forte o bastante para abrir a porta do Calabouço de queixo erguido, sem derramar nenhuma lágrima. Não queria falar com ninguém, mas quando coloquei os pés para fora, dei de cara com Juliano e Stephanie fingindo arrumar uma pilha de livros. Eles vieram em minha direção para saber o que a Maléfica queria.

– Me desejar feliz aniversário – respondi. Por que mentir?

No dia seguinte eles descobririam a verdade de uma forma ou de outra. Mas sabia que não era capaz de lidar com solidariedade no momento. Mentir parecia bem mais fácil do que lidar com a dose de piedade com um toque de alívio de quem continuava empregado.

– Sério? – perguntou Juliano, erguendo a sobrancelha.

– Ela é muito estranha – disse Stephanie, enrolando um cacho de cabelo nos dedos. Balancei a cabeça em concordância, sem a menor ideia do que dizer em seguida.

– Vocês vão hoje à noite? – eu quis saber. Nunca fui de comemorar meu aniversário. Tinha sido ideia da minha melhor amiga. Depois de muita insistência da parte dela, acabei concordando, mas já estava arrependida, ainda mais depois da demissão.

– É claro – respondeu Juliano, animado. – Tá de pé. Adoro o Cuervo.

– Só depende da Maléfica liberar a gente na hora – resmungou Stephanie.

Uma cliente se aproximou e me pediu ajuda. Tinha uma lista enorme de romances que queria levar para casa: John Green, Jojo Moyes, Nicholas Sparks...

Stephanie e Juliano se dispersaram enquanto eu ia atrás de cada um dos livros nas mesas e prateleiras. Fiz a nota e a encaminhei até o caixa com um sorriso no rosto e um “volte sempre”, tentando não desmoronar.

Enquanto a moça passava o cartão, me perguntei se receberia comissão pela venda ou se ela iria para o bolso da gerente, considerando que já tinha sido oficialmente demitida.

A única coisa que eu podia fazer era pedir a Deus que o dinheiro viesse para mim. Porque eu estava completamente ferrada.

FIGUEIREDO, Iris. **Céu sem estrelas**. São Paulo: Seguinte, 2018, p. 15-20.

História 2 (narrador em segunda pessoa)

Leia a seguir um trecho de *Star-Crossed*, de Rachel Wing, traduzido e publicado por Sara Farinha em seu site.

Tu deslizas sobre o assento, mais ainda, no teu típico humor das manhãs de segunda-feira: começas a adormecer na atmosfera acolhedora da sala de aulas de Inglês. Embalada pelo tartamudear aborrecido da professora, naquele jeito que ela tem quando fala sobre uma grande obra de literatura inglesa ou algo do gênero, escrita por alguém importante. Não que estejas interessado. Olhas para o relógio, com um rodar automático de cabeça, 10:15 da manhã. Suspiras e alcanças a tua mala debaixo da mesa, enfiando os livros lá dentro, aqueles em que não te incomodaste a escrever nada. A professora Phillips continua a tentar balbuciar, na sua voz fina, por cima do barulho que se instalou na sala. Sentes uma pontada de dó pela tua baixa e seca professora, enquanto ela tenta recuperar a atenção da turma resmungona.

Fonte:

WING, Rachel. *Star-Crossed*. Trad. Sara Farinha. In: FARINHA, Sara. Recursos do escritor: qual é o teu ponto de vista? A narrativa na 2ª pessoa. **Sara Farinha**. 8 fev. 2013. Disponível em: <https://blog.sarafarinha.com/2013/02/08/2-recursos-do-escritor-qual-e-o-teu-ponto-de-vista-a-narrativa-na-2a-pessoa/#:~:text=Segunda%20Pessoa&text=O%20narrador%20narra%20a%20cena,est%C3%A1%20a%20contar%20a%20hist%C3%B3ria>. Acesso em: 1 dez. 2020.

História 3 (narrador em terceira pessoa)

Leia a seguir um trecho de *Americanah*, de Chimamanda Adichie.

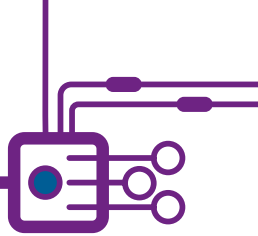
Princeton no verão não tinha cheiro de nada e, embora Ifemelu gostasse do verde tranquilo das diversas árvores, das ruas limpas, das casas imponentes, das lojas delicadas e caras demais e do ar calmo de quem sabia merecer a graça alcançada, era isso, a falta de cheiro, que mais lhe agradava, talvez porque todas as outras cidades americanas que conhecia tinham um cheiro bem peculiar. A Filadélfia tinha o odor embolorado da história. New Haven cheirava a abandono. Baltimore cheirava a salmoura. O Brooklyn, a lixo esquentado pelo sol. Mas Princeton não tinha cheiro. Ela gostava de respirar fundo ali.

Gostava de observar os moradores da cidade, que dirigiam fazendo questão de mostrar que eram educados e estacionavam seus carros de último modelo diante do hortifrúti orgânico na Nassau Street, ou dos restaurantes japoneses, ou da sorveteria com cinquenta sabores diferentes, incluindo pimentão vermelho, ou do correio, cujos efusivos funcionários se precipitavam para cumprimentar quem entrava. Ela gostava do campus, grave com tanto saber, dos prédios góticos com suas paredes cobertas de hera, e do modo como, de noite, à meia-luz, tudo se transformava numa cena fantasmagórica. E, acima de tudo, gostava do fato de que, nesse lugar de conforto afluente, podia fingir ser outra pessoa, alguém que tivera acesso a esse sagrado clube americano, alguém com os adornos da certeza.

Mas Ifemelu não gostava de ter que ir a Trenton para trançar o cabelo. Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton — os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças —, mas, enquanto esperava o trem na Princeton Junction, numa tarde incandescente de calor, Ifemelu se perguntou por que não havia um lugar ali onde pudesse fazer suas tranças. A barra de chocolate em sua bolsa tinha derretido. Havia poucas pessoas esperando na plataforma, todas brancas, esguias, usando roupas curtas e leves. O homem parado mais perto dela tomava um sorvete de casquinha; Ifemelu sempre achara um pouco irresponsável o fato de, nos Estados Unidos, homens-feitos tomarem sorvete de casquinha, especialmente porque o faziam em público. Ele se virou para ela e disse “Até que enfim” quando o trem finalmente chegou rangendo, com aquela familiaridade que os estranhos adotam uns com os outros depois de compartilhar a decepção com um serviço público. Ifemelu sorriu para o homem. Os cabelos grisalhos na parte de trás da cabeça dele estavam penteados para a frente, uma maneira cômica de tentar disfarçar a calvície. Ele sem dúvida era um acadêmico, mas não de humanas, ou seria mais acanhado. Talvez ensinasse uma ciência exata, como química.

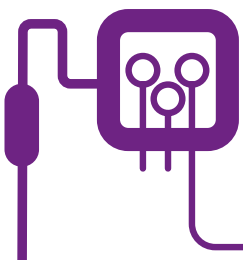
Em outros tempos, ela teria dito “Eu sei”, aquela expressão particularmente americana que demonstrava concordância em vez de conhecimento, e então teria iniciado uma conversa com o homem, para ver se ele dizia algo que pudesse usar em seu blog. As pessoas sempre ficavam lisonjeadas quando Ifemelu perguntava sobre a vida delas e, se ela não dissesse nada depois que começassem a responder, isso só fazia com que falassem mais. Eram condicionadas a preencher silêncios. Se perguntavam o que Ifemelu fazia, ela respondia vagamente “Tenho um blog sobre comportamento”, porque dizer “Tenho um blog anônimo chamado *Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana*” os deixava constrangidos. Mas Ifemelu já dissera isso algumas vezes. Uma vez para um homem branco de dread que havia se sentado ao seu lado no trem, com cabelos que eram como velhas cordas de barbante trançado que acabavam em tufo louros e uma blusa esfarrapada usada com tamanha humildade que a convenceu de que ele devia ser um guerreiro social e talvez desse um bom colunista convidado. “Esse negócio de raça é totalmente exagerado hoje, os negros precisam desencanar, é tudo questão de classe agora, os opressores e os oprimidos”, dissera ele sem hesitar, e Ifemelu havia usado a frase para abrir seu post intitulado “Nem todos os caras brancos de dread estão na nossa”. Houve também a vez com o homem de Ohio, espremido ao lado dela num voo. Uma espécie de gerente administrativo, Ifemelu teve certeza ao ver seu terno largo demais e sua camisa colorida de colarinho branco. Ele perguntou o que Ifemelu queria dizer com “blog sobre comportamento” e ela explicou, esperando que ele se retraísse ou pusesse um ponto final na conversa dizendo algo defensivo e inócuo como “A única raça que importa é a raça humana”. Mas ele disse: “Já escreveu sobre adoção? Ninguém quer saber de bebês negros neste país, e eu não estou falando dos mulatos, mas dos bebês negros. Nem as famílias negras querem adotar”.

O homem contara a Ifemelu que ele e a esposa haviam adotado uma criança negra, e que seus vizinhos os olhavam como se tivessem decidido se tornar mártires de uma causa duvidosa. O post que ela escreveu em seu blog sobre ele, “Um gerente administrativo branco e malvestido de Ohio nem sempre é o que você pensa”, recebera o maior número de comentários daquele mês. Ifemelu ainda se perguntava se ele tinha lido. Ela esperava que sim. Muitas vezes, ficava sentada num café, num aeroporto ou numa estação de trem vendo estranhos passar e se perguntando quais teriam lido seu blog. Que agora era seu ex-blog. Ela havia escrito o último post fazia apenas alguns dias, e até agora tinha duzentos e setenta e quatro comentários. Todos aqueles leitores, cujo número crescia a cada mês, divulgando seus posts nas mídias sociais, sabendo tão mais do que ela; eles sempre a deixavam amedrontada e inebriada. DerridaSafista, uma das comentaristas mais frequentes, escreveu: Estou um pouco surpresa com o quanto estou levando isso para o lado pessoal. Boa sorte nessa “mudança de vida” que você não explicou qual é, mas, por favor,



volte logo para a blogosfera. Você usou sua voz irreverente, desafiadora, engraçada e provocadora para criar um espaço onde era possível ter conversas reais sobre um assunto importante. Leitores como DerridaSafista, que viviam citando estatísticas e usavam termos como “reificar” em seus comentários, deixavam Ifemelu nervosa, ansiosa por inovar e impressionar; e ela, com o tempo, passou a se sentir como um abutre se alimentando das carcaças das histórias dos outros em busca de algo que pudesse usar no blog. Às vezes, a ligação que Ifemelu fazia entre um fato e a questão racial era frágil. Outras vezes, ela própria não acreditava no que estava dizendo. Quanto mais escrevia, menos certa estava. Cada post arrancava mais uma escama de seu eu, até que ela passou a se sentir nua e falsa.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9-12.



Ponto de vista: Quem está contando a história?

Por Jurgen Wolff (com tradução e adaptação de Fernanda Rodrigues)

Sua história pode ser contada de diversas perspectivas. Cada foco narrativo que você escolher tem efeitos distintos e cada uma dessas opções apresenta vantagens e desvantagens.

Primeira pessoa

Um dos jeitos mais rápidos de estabelecer um vínculo íntimo entre o leitor e o seu personagem é permitir que este último conte a história em suas próprias palavras. Um dos principais exemplos disso é o livro do escritor Mark Twain, *As aventuras de Huckleberry Finn*. Aqui temos o parágrafo de abertura, em que Huck fala conosco:

Você não me conhece se não leu um livro chamado As aventuras de Tom Sawyer, mas isso não importa. O livro foi escrito pelo Sr. Mark Twain, e ele disse a verdade, quase sempre. Em alguns pontos ele exagerou, mas quase sempre falou a verdade. Isso não é nada. Nunca conheci ninguém que nunca tenha dito uma mentira uma vez ou outra, sem contar a tia Polly, ou a viúva, ou talvez a Mary. A tia Polly – quero dizer, a tia do Tom, Polly – a Mary e a viúva Douglas são citadas no livro todo, que é em boa parte do tempo um livro verdadeiro, com alguns exageros, como eu disse antes.

Logo em seguida, Twain estabelece um tom humorístico e nós, enquanto seus leitores, adoramos nos juntar ao seu personagem ao longo da jornada narrada no livro. Sobre isso, Ernest Hemingway disse: “Toda a literatura americana moderna nasce de um livro do Mark Twain chamado *As aventuras de Huckleberry Finn*”.

Essa é uma opinião confirmada quando você lê a abertura de *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J. D. Salinger:

Se você quer mesmo ouvir a história toda, a primeira coisa que você deve querer saber é onde nasci, e como foi a porcaria da minha infância, e o que os meus pais faziam antes de eu nascer e tal, essa merda toda meio David Copperfield, mas eu não estou a fim de entrar nessa, se você quer saber a verdade. Em primeiro lugar, tudo isso me entedia, e em segundo lugar, meus pais iriam ter duas hemorragias cada um, se eu contasse um negócio mais pessoal lá deles. Eles são pra lá de sensíveis com essas coisas, especialmente o meu pai. Eles são legais e tal – eu não estou dizendo nada contra eles – mas eles são sensíveis que é o diabo. Além do mais, eu não vou te contar toda droga da minha autobiografia ou nada parecido.

Geralmente o narrado em primeira pessoa conta a história usando os verbos no passado, mas há raras exceções, como o livro *Kafka à beira-mar*, de Haruki Murakami, em que parte do enredo é narrada no presente do indicativo: “*Oshima tira do porta-luvas uma caixinha de dropes de limão e põe uma na boca. Me oferece outro. Aceito*”.

Às vezes pode acontecer de o personagem estar narrando a história de outra pessoa. É o caso de Ishmael, em *Moby Dick*, por exemplo, e de Nick Carraway, em *O grande Gatsby*. No filme *Cidadão Kane*, é o repórter Jerry Thompson que narra a busca pela verdade por trás do “rosebud¹” e da vida de Charles Foster Kane.

Não importa quem seja o narrador, seu modo de narrar deve combinar com seus conhecimentos e suas experiências, com sua personalidade e nível educacional: um trabalhador braçal sem instrução que acabou de se apaixonar não escreveria sua história usando a mesma linguagem que um psicoterapeuta neurótico.

Como já foi mencionado, a principal vantagem de usar o foco narrativo em primeira pessoa é que isso ajuda a estabelecer uma rápida conexão entre o personagem e seu leitor. A desvantagem é que você não consegue – enquanto autor – revelar detalhes que este seu narrador-personagem não tem acesso ou não sabe.

Em filmes, o foco narrativo em primeira pessoa pode ser estabelecido por meio de um protagonista que narre a trama por meio de uma locução da história ou, de forma menos comum, com esse narrador se dirigindo diretamente aos espectadores (à câmera). Falando de um modo bem rigoroso, isso significa que nós (leitores ou espectadores) só podemos ver aquilo que o protagonista vê, mas se a locução estabelece que nós estamos vendo algum acontecimento que aconteceu no passado, esse protagonista pode dizer algo como, “Claro que eu não sabia que, naquele momento, meu irmão estava planejando me trair”, para então a ação mudar para uma cena em que o tal irmão está conspirando/planejando a traição.

Se você se decidir por usar esse modelo de locução em primeira pessoa na sua narrativa, é importante que você se atente para não dizer ao seu leitor/espectador coisas que o seu leitor/espectador já sabe dos outros elementos do filme/livro. Em outras palavras, pensando aqui em um filme, se uma cena mostra uma família se divertindo na praia, não é necessário que o seu narrador diga na locução: “Nós nos divertimos na praia”. A locução deve ser usada para dizer aquilo que os espectadores não podem saber do que está em ação na cena mostrada. Voltando à cena da praia, esse narrador poderia dizer: “Aquele foi o último dia que eu vi o meu pai vivo”. Esta informação é o tipo de coisa que afeta como os espectadores assistirão à cena.

¹Sobre o termo “rosebud”, ver: https://www.guiadoscuriosos.com.br/curiosidade_dia/o-que-era-rosebud/.

Segunda pessoa

Na narrativa em segunda pessoa, o narrador se dirige a um “você” ou se descreve ou se caracteriza como um “você”. Um exemplo disso é visto no conto *A mente assombrada*, do livro *Contos Contados Duas Vezes* (*Twice-Told Tales*), de Nathaniel Hawthorne:

Por meio de um esforço desesperado, você começa a se levantar, saindo de uma espécie de sono consciente. Você olha de modo selvagem em volta da cama, como se os demônios estivessem em qualquer lugar, exceto em sua mente assombrada. Ao mesmo tempo, as brasas adormecidas na lareira emitem um brilho que ilumina palidamente tudo que está fora do quarto. Uma luz bruxuleante entra pela porta, mas não consegue dissipar sua obscuridade. Os seus olhos procuram, então, por qualquer coisa que possa lembrá-lo do mundo vivo. Com ávida minuciosidade, você nota a mesa perto da lareira, o livro com uma faca de marfim entre as folhas, a carta desdobrada, o chapéu e a luva caída. Logo a chama desaparece, e com ela toda a cena vai embora, ainda que sua imagem permaneça por um instante no olho de sua mente, quando a escuridão engole a realidade.

Outro exemplo vem do livro *Bright Lights, Big City*, de Jay McInerney:

Você não é o tipo de cara que estaria em um lugar como este a essa hora da manhã. Mas aqui está você, e você não pode nem dizer que aqui não lhe é familiar, ainda que os detalhes pareçam vagos. Você está aqui em uma boate, conversando com uma garota que tem a cabeça raspada.

Esta abordagem faz com que o leitor tente experimentar da ação já que faz com que ele “viva na pele” do narrador. Muitos leitores, no entanto, veem a narração em segunda pessoa um tanto cansativa depois de um tempo (principalmente se for em um texto muito longo), porque se sentem cansados de serem “mandados em suas ações” o tempo todo. Esses leitores se sentem perfeitamente bem em ler sobre alguém que está falando com uma garota de cabeça raspada, mas eles não se sentem confortáveis em fazer isso por eles mesmos.

A narrativa em segunda pessoa normalmente é escrita usando verbos no presente: *você anda*, no lugar de *você andou/andava*, por exemplo.

Terceira pessoa onisciente

Com a terceira pessoa, o narrador consegue revelar o que está acontecendo na mente de múltiplos personagens dentro de um mesmo capítulo ou cena. Enquanto isso permite que o autor compartilhe mais informação, isso também torna a relação com o leitor menos íntima ou até mesmo confusa. Entretanto, esse foco narrativo também é usado em grandes peças da literatura.

Tolstói foi um dos mestres no uso dos diferentes focos narrativos, conforme aponta Ursula Le Guin sobre *Guerra e Paz*:

É quase um milagre o jeito como a mudança é imperceptível da voz do autor para o ponto de vista do personagem, retratando com perfeita simplicidade a voz interna do homem, da mulher, até mesmo do cachorro machucado, e então de volta ao autor... até o fim da leitura, você sente que viveu muitas vidas: o que talvez seja um dos melhores presentes que esse romance pode dar.

No primeiro capítulo de *Guerra e Paz*, Anna Pavlovna está falando com o príncipe. Tolstói não diz apenas o que o príncipe faz, mas também o pensamento e o sentimento por trás de suas ações:

“Se eles soubessem que você desejava por isso, a diversão teria sido adiada”, disse o príncipe, que, como um relógio de corda, por força do hábito disse coisas que nem ele mesmo queria que as pessoas acreditassem.

Um pouco depois:

Como um ator que recita o papel de uma velha peça, o príncipe Vassili sempre falava indolentemente. Ana Pavlovna Scherer, ao contrário, apesar dos seus quarenta anos, era toda animação e entusiasmo. Esse entusiasmo tornara-se a alma de sua posição social, e, às vezes mesmo sem vontade, entusiasmava-se para não decepcionar os que a conheciam. O sorriso reprimido que Ana Pavlovna trazia sempre na face, embora não condissesse com seus traços cansados, exprimia, como nas crianças mimadas, a consciência absoluta de seu gracioso defeito, de que não queria, não podia e não achava necessário corrigir-se.

Ao nos dizer o que motiva um personagem, bem como as suas ações, o narrador de Tolstói nos guia para dentro do psicológico de suas personagens, bem como de seus mundos físicos – mas tudo isso é feito de modo tão suave que dificilmente notamos.

A terceira pessoa onisciente é especialmente útil para narrativas épicas que envolvem muitos personagens durante longos períodos.

Em um filme, o equivalente desse foco narrativo é a tomada de câmera que é capaz de ir a todos os lugares. Peças teatrais e roteiros cinematográficos são escritos em terceira pessoa onisciente, normalmente usando o presente do indicativo (“George abre o armário e se surpreende por encontrá-lo vazio.”). Já os romances, normalmente são escritos no passado, como vimos nos trechos de Tolstói.

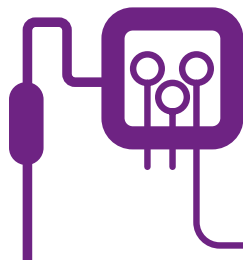
Isso leva tempo

Dominar o uso dos pontos de vista (foco narrativo) e escolher o que melhor se encaixa à sua história é algo que leva tempo e que precisa de paciência. Sobre isso, o escritor John Irving aponta:

Voz é um ponto técnico: a escolha de estar perto de determinados personagens, mais distantes de outros – a decisão de se os fatos serão narrados neste ou naquele estipulado ponto de vista – você pode aprender essas coisas. Você pode aprender a reconhecer os seus hábitos bons e ruins, o que você faz melhor na narrativa em primeira pessoa e o que você narra em excesso, por exemplo. Você pode reconhecer quais são os perigos e vantagens de uma narrativa em terceira pessoa que pressupõe uma distância histórica (a voz de um biógrafo, por exemplo). Para fazer essa escolha é preciso compreender que há muitas instâncias envolvidas, muitas posturas que você pode assumir para contar a mesma história – elas podem ser mais deliberadas, estarem muito mais no controle do autor, do que um escritor amador sabe. O leitor, claro, não deve se prender e se atentar a isso. É brilhante, por exemplo, como o Grass chama o Oskar Matzarath por “ele” ou por “Oskar” em alguns momentos e, então – às vezes numa mesma sentença – se refere ao pequeno Oskar como “eu”: ele se torna um narrador em primeira pessoa e em terceira pessoa numa mesma frase. Todavia, isso é feito de um modo tão perfeito que não chama a atenção para essa mudança de foco narrativo. Eu odeio quando a forma ou estilo chama mais atenção do que a história em si.

Fonte:

WOLFF, Jurgen. POV: Who's telling the story? In: **Your creative writing masterclass**. Trad. e adap. Fernanda Rodrigues. London, Boston: Nicholas Brealey Publishing, 2012.



PLANOS DE AULA DETALHADOS

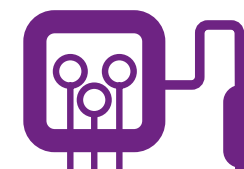
MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 12				
Minha história sob outro ponto de vista		Objetivo: identificar o ponto de vista da narrativa escrita e fazer possíveis modificações.		
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Retomando a narrativa anterior	Professor(a), retome os principais pontos do texto que foi lido como tarefa de casa, resgatando as características da narração em primeira, segunda e terceira pessoas. Entregue as redações que ficaram com você para os seus respectivos autores.		
5 minutos	Experimentando novos pontos de vista	Projete para os alunos o anexo 12 e peça-lhes que analisem o texto escrito por eles mesmos nas aulas anteriores. A reescrita deverá ser feita a partir da reflexão provocada pelo anexo 12 e pelos comentários dos colegas.	• Computador e projetor	• Anexo 12 – “Ficha: decidindo o meu ponto de vista”

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
25 minutos	Reescrevendo a narrativa	Terminados os ajustes no texto, peça que os alunos escolham um novo ponto de vista e reescrevam a mesma história anterior, usando outro foco narrativo.	• Folhas avulsas – uma para cada aluno	
10 minutos	Analisando o processo	Converse com o grupo sobre como foi esse processo de mudar a forma de narrar. Recolha as redações e explique que voltaremos a elas na próxima aula.		



Ficha: decidindo o meu ponto de vista

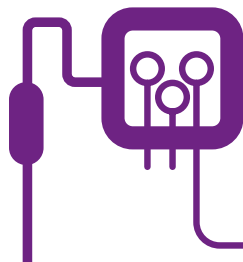
Ação! Para decidir qual ponto de vista empregar na sua narrativa, considere o seguinte:

- O quanto é importante estabelecer rapidamente um contato próximo entre o seu leitor e o seu protagonista?
- Quais são as qualidades pessoais do seu protagonista que devem aparecer mais fortemente quando a história é narrada? Como seria se outro personagem as descrevesse? E se você usar o narrador onisciente para contar essa história?
- Há algum acontecimento crucial na sua história que o protagonista não pode saber? Se houver, mas você ainda quiser usar o narrador em primeira pessoa, há outro jeito de revelar esses acontecimentos? Por exemplo, alguém mais poderia dizer algo sobre ou para o seu protagonista?
- Seria melhor que o seu personagem assumisse o lugar do “você” ou falasse diretamente com o seu leitor?

Depois que você responder a essas perguntas, escolha o ponto de vista que melhor funcione para narrar a sua história. Quando começar a escrever, se você sentir que a história não está fluindo, tente mudar a perspectiva.

Referência:

WOLFF, Jurgen. POV: Who's telling the story? In: **Your creative writing masterclass**. Trad. e adap. Fernanda Rodrigues. London, Boston: Nicholas Brealey Publishing, 2012.



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

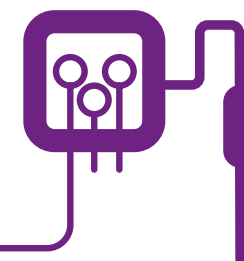
Aula 13

Desenvolvendo o olhar crítico: o apoio e a reescrita – Parte 2

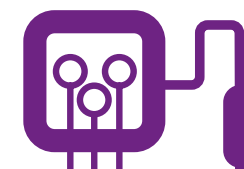
Objetivos: praticar o olhar técnico e crítico para a narrativa dos pares. Cooperar com os processos criativos entre os colegas. Analisar criticamente o próprio trabalho. Reelaborar o texto a partir de feedback dos pares.

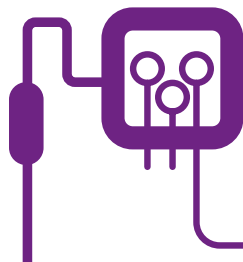
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Retomando a narrativa anterior	Professor(a), este encontro será parecido com o da aula 10. Para isso, divida os alunos em pares e devolva as narrativas da aula anterior, junto com uma cópia do anexo 10. Peça que os pares troquem as redações (escritas sob o novo ponto de vista), de modo que cada aluno fique com a narrativa do seu par.		• Anexo 10 – “Modelo de análise crítica da narrativa”
5 minutos	Entendendo como comentar	Assim como no encontro 10, reforce a importância do respeito e explique que a crítica passa por aspectos técnicos (não apenas pelo gosto pessoal). Também reforce que o comentário é para o texto , não para seu autor. Logo, não é para levar os comentários para o lado pessoal.	• Computador e projetor	• Anexo 10 – “Modelo de análise crítica da narrativa”

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Diga que eles não farão qualquer rasura no texto do seu par; todas as anotações deverão ser realizadas na folha do anexo 10.</p> <p>Agora eles farão os comentários na versão escrita na aula anterior.</p>		
15 minutos	Sendo crítico literário	<p>Deixe esta parte da aula para que os alunos leiam e preencham o modelo de análise crítica da narrativa para os colegas. Enquanto isso, transite pela sala para ver se alguém tem dúvida.</p> <p>Passe o grampeador pelos alunos e peça que eles grampeiem a ficha às redações, de modo que você tenha acesso a todo o material depois.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grampeador 	
20 minutos	Versão final	<p>Agora, fale para os alunos escolherem a versão que querem que você, professor(a), leia para a avaliação. Os estudantes podem trabalhar em uma das duas versões de que gostem mais ou redigir uma terceira versão a partir do retorno dos colegas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas avulsas 	



Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Depois do encontro	Professor(a), a ideia é que você faça a correção e devolva os textos aos alunos daqui a três encontros (a devolução será na aula 16). Você pode fazer a correção como está acostumado(a) ou preencher você também a ficha do anexo 10 sobre o texto. O ideal é que os alunos tenham um retorno personalizado para que consigam compreender em profundidade os pontos em que podem melhorar.		





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 14

Próximos passos: o que fazer com a minha narrativa? – Parte 1

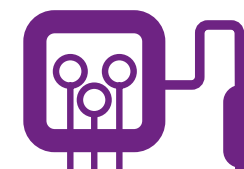
Objetivo: pesquisar as diversas formas de publicar uma narrativa.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	Professor(a), deixe os materiais criativos em uma mesa/área de uso comum para todos os grupos.	<ul style="list-style-type: none"> Papéis, canetinhas e materiais criativos disponíveis na escola (revistas para recorte, cola, tesoura, etc.) 	

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
15 minutos	Se organizando em grupos	<p>Diga aos alunos que eles receberão o retorno sobre os textos no encontro 16 e, tanto na aula de hoje quanto na próxima aula, o foco será encontrar meios de fazer com que as narrativas criadas cheguem ao público.</p> <p>Divida os alunos em seis grupos. Veja os temas abaixo. Se a sua turma for grande, você pode usar cada uma das subcategorias entre parênteses como tema de um grupo – reajustando depois o tempo destinado às apresentações.</p> <p>Cada grupo deverá pesquisar como fazer e publicar narrativas nos seguintes formatos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Imagem (fotografia digital, fotomontagem, ilustração); • Texto (autopublicação em e-book e livro físico, revistas digitais, fanzine); • Dramaturgia; • Vídeo (animação, documentário, curta-metragem); • Áudio (podcast, música); • Sites e blogs. 		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Desta vez, você pode usar como critério de divisão dos estudantes, desde que os grupos fiquem equilibrados, as alternativas abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprofundar habilidades que aprimorem a comunicação dos alunos; • Desenvolver habilidades que eles ainda não têm. <p>Para isso, resgate o que foi conversado no encontro 7.</p>		
30 minutos	Pesquisando	<p>Explique que o produto desta aula será a montagem de um mural coletivo e criativo sobre todas essas formas de publicação. Sendo assim, é importante que os alunos pesquisem sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plataformas gratuitas x custos; • Softwares necessários; • Equipamentos (hardwares) necessários; • Etapas de produção; • Tempo médio de produção; • Profissionais envolvidos; • Alcance x público-alvo; • Qualquer outro detalhe que eles considerem relevante. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computadores com acesso à internet • Papéis, canetinhas e materiais criativos disponíveis na escola (revistas para recorte, cola, tesoura, etc.) 	

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		Avise para os alunos que a apresentação do resultado da pesquisa será realizada na aula que vem – eles podem aprimorá-lo como tarefa de casa, caso seja necessário.	• Espaço para a montagem de um mural	
	Depois da aula	Envie por e-mail o anexo com algumas informações sobre as mídias pesquisadas.		• Anexo 14 – “Informações complementares”



Informações complementares

Veja abaixo alguns sites sobre como fazer:

Imagem (fotografia digital, fotomontagem, ilustração):

1. POLESSO, Ricardo. Fotografia com celular: um guia completo para esbugalhar os olhos dos seus amigos. **Cara da Foto**. 21 set. 2016. Disponível em: <https://caradafoto.com.br/celulares-2-passos-para-fotografias-melhores/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
2. Fotografia digital e Instagram: LUH TESTONI. [Canal no **YouTube**]. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/primeiraesquerda>. Acesso em: 1 dez. 2020.
3. TÔRRES, Lígia. 38 dicas de como tirar excelentes fotos com o seu celular. **O Casal da Foto**. 11 nov. 2019. Disponível em: <https://www.ocasaldafoto.com/dicas-melhores-fotografias-celular/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
4. EXPOSIÇÃO fotográfica: aprenda como fazer uma exposição perfeita para suas fotos. **Dominando a Fotografia**. 5 fev. 2016. Disponível em: <https://dominandoafotografia.com/exposicao-fotografica-aprenda-como-fazer-uma-exposicao-perfeita-para-suas-fotos/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
5. PAPO de artista. **Mulher Vitrola**. [S. d.]. Disponível em: <https://mulhervitrola.com.br/category/papodeartista/>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Texto (autopublicação em e-book e livro físico, revistas digitais e fanzine):

1. PROJETO ESCRITA CRIATIVA. Página inicial. Disponível em: <http://projetoescritacriativa.blogspot.com/>. Acesso em: 1 dez. 2020; PROJETO ESCRITA CRIATIVA. [Canal no **YouTube**]. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCO6nYvm-muWS5rR1rpz00eA>. Acesso em: 1 dez. 2020.
2. CERTAS PALAVRAS. Página inicial: página de Marco Neves sobre línguas e outras viagens. Disponível em: <https://certaspalavras.pt/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
3. MANUAL prático para a produção de um zine. **Arte Contemporânea**. 31 jan. 2018. Disponível em: <http://artecontemporanea.com.br/manual-pratico-para-producao-de-um-zine-2/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
4. CONFIRA um passo a passo de como fazer uma revista. **Blog da Gráfica KWG**. 18 mai. 2017. Disponível em: <https://blog.revendakwg.com.br/inspiracao-design/confira-um-passo-a-passo-para-configurar-uma-revista/>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Dramaturgia:

1. COMO escrever uma peça de teatro? **Desvendando Teatro**. [S. d.]. Disponível em: http://www.uern.br/controldepaginas/Conte%C3%BAdo%20para%20M%C3%B3dulos/arquivos/2208como_escrever_uma_peca_de_teatro.pdf. Acesso em: 1 dez. 2020.
2. CAMARGO, Priscila. 6 dicas de como produzir uma peça de teatro online. **Sympla Blog**. [S. d.]. Disponível em: <https://blog.sympla.com.br/como-produzir-uma-peca-de-teatro-online/>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Vídeo (animação, documentário, curta-metragem):

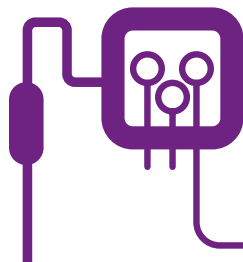
1. GOMES, Débora. Como fazer um roteiro de vídeo de forma simples. **Samba Tech**. 25 nov. 2020. Disponível em: <https://sambatech.com/blog/insights/roteiro-de-video/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
2. CARVALHO, Henrique. Escreva para a câmera: como fazer um roteiro rápido e fácil para tornar seus vídeos mais interessantes e engajar sua audiência. **Viver de Blog**. 31 jan. 2017. Disponível em: <https://viverdeblog.com/como-fazer-um-roteiro/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
3. HAMMAN, Renan. 7 dos melhores editores de vídeo gratuitos para Windows. **Tecmundo**. 19 ago. 2020. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/edicao-de-video/101938-7-melhores-editores-video-gratuitos-windows.htm>. Acesso em: 1 dez. 2020.
4. BERTORINI, Francesco. 5 programas gratuitos para animação 3D. **Crehana**. 5 jul. 2020. Disponível em: <https://www.crehana.com/br/blog/brasil/5-programas-gratuitos-para-animacao-3d/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
5. FILHO, Kleber Mendonça. [Sem título]. Entrevista concedida a Lili Schwarcz. LILI SCHWARCZ. **Lili entrevista | Kleber Mendonça Filho**. 26 nov. 2020. (37min49s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PSXDLB8phkY>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Áudio (podcast, música):

1. FREITAS, Felipe. 5 sites e programas para gravar e editar seu Podcast. **Canaltech**. 15 out. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/melhores-programas-e-sites-para-gravar-podcast/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
2. 5 DICAS para produzir um bom roteiro para seu Podcast. **Cria UFMG**. 10 jun. 2020. Disponível em: <https://criaufmg.com.br/2020/06/10/5-dicas-roteiro-podcast/>. Acesso em: 1 dez. 2020.
3. 9 DICAS matadoras para escrever músicas. **Music Jungle**. 25 maio 2018. Disponível em: <https://musicjungle.com.br/blog/musica/9-dicas-matadoras-para-escrever-musicas>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Sites e blogs:

1. Como fazer um bom site/blog: BLOGOSFERA. **Sernaiotto**. [S. d.]. Disponível em: <https://sernaiotto.com/category/blogosfera/>. Acesso em: 1 dez. 2020.



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

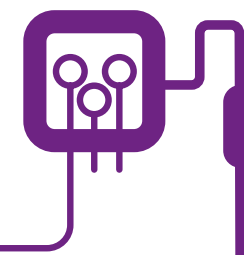
Aula 15

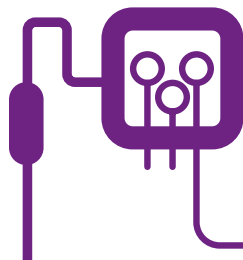
Próximos passos: o que fazer com a minha narrativa? – Parte 2

Objetivo: compartilhar os resultados da pesquisa da aula anterior.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
10 minutos	Finalizando o processo	<p>Professor(a), neste momento, os alunos devem finalizar suas pesquisas. Você pode seguir dois caminhos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pedir que os alunos montem o mural (como um todo) e depois apresentem os resultados da pesquisa; • Pedir que a montagem seja feita ao longo das apresentações. 		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
30 minutos	Apresentando os resultados	<p>Cada um dos cinco grupos terá até cinco minutos para se apresentar.</p> <p>Como mediador(a), mostre quais são os pontos de interseção entre as diversas formas de publicação (roteiro para vídeos, animações e podcasts, por exemplo).</p> <p>Busque também guiar os alunos para o que seja possível fazer no tempo, ambiente e recursos financeiros que vocês têm (pensando já no projeto final, que será elaborado para a culminância).</p>		
5 minutos	Pensando os próximos passos	<p>Explique para os alunos que a partir das próximas aulas vocês trabalharão em dois projetos: em uma primeira etapa, veiculação da narrativa – a ser apresentada na culminância (aulas 16 a 22); e, já na segunda etapa, organização e realização da Mostra – culminância propriamente dita –, em que a veiculação da narrativa acontecerá (aulas 23 a 28).</p>		





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 90 minutos - Ensino Médio

Aulas 16 e 17

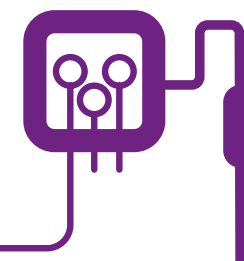
Definindo
o projeto
de veiculação
da narrativa

Objetivos: relacionar as histórias criadas pelos integrantes das duplas/grupos. Estabelecer uma forma adequada de veicular a narrativa. Planejar a execução da veiculação da narrativa.

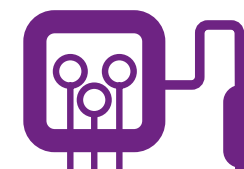
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
10 minutos	Recebendo feedback	<p>Professor(a), este é o momento de organizar o projeto final de apresentação das narrativas.</p> <p>Antes disso, devolva as duas versões dos textos com o seu retorno para os alunos. Se você observou algum ponto em comum entre a maior parte dos trabalhos (seja ponto de melhoria/atenção, seja aspecto a ser elogiado), converse com o grupo sobre isso.</p>		

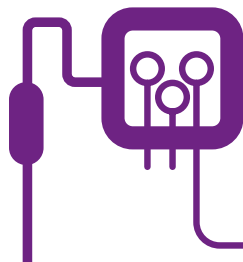
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Fale que agora os alunos trabalharão na transformação dessas narrativas em um produto (exposição fotográfica, peça de teatro, vídeo, podcast, livro, etc.).</p> <p>É importante dizer a eles que as aulas 21 e 22 serão destinadas ao processo de qualificação do projeto que eles começarão a planejar hoje.</p> <p>Explique que nesses encontros de qualificação eles farão uma apresentação para você (e, se você quiser, para o restante da turma e professores convidados), em que mostrarão o que foi planejado e já feito, com o objetivo de “correção de rota”.</p> <p>Nessas aulas, eles receberão orientações de como aprimorar seus projetos.</p> <p>Por fim, explique que a qualificação é uma etapa importante, presente não só nesta eletiva, mas também na vida acadêmica – é importante que eles consigam perceber esta disciplina como um preparo para essa vivência futura.</p>		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
35 minutos	Dividindo-se em grupos e começando os trabalhos	<p>Como próximo passo, sugerimos que você divida os estudantes em duplas ou pequenos grupos (no máximo, quatro pessoas). Eles trabalharão juntos na elaboração da veiculação da narrativa. Você pode pensar em alguns critérios de divisão:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com quais meios de veiculação os alunos têm mais afinidade? (Quem quer produzir livros, vídeo, podcast, etc.); • Duplas de alunos que deram feedback uns aos outros nas aulas anteriores; • Misturar perfis e habilidades importantes para todos os projetos (alunos criativos, organizados, líderes, etc.). <p>Quando os estudantes estiverem divididos, entregue uma cópia do anexo 16 para cada grupo, de modo que eles consigam começar os trabalhos.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 16 – “Guia de planejamento do projeto de veiculação da narrativa”



Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<p>Enquanto os alunos se organizam, caminhe pela sala para tirar as dúvidas de cada um.</p> <p>Se possível, converse com grupo a grupo e ajude os alunos a analisar o plano elaborado, para ver se ele é de fato viável no tempo e com os recursos disponíveis.</p>		
45 minutos	Planejando e executando	<p>Deixe que o encontro 17 seja uma continuação do anterior. Quem tiver concluído o seu planejamento já pode começar a execução das tarefas.</p> <p>Coloque-se à disposição tanto presencialmente quanto de modo remoto (por e-mail, por exemplo) para orientar os alunos.</p>		





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 135 minutos - Ensino Médio

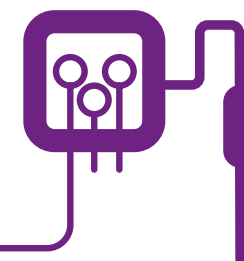
Aulas 18, 19 e 20

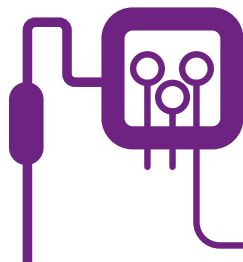
Dando vida
à minha
narrativa

Objetivo: desenvolver o produto que será apresentado à comunidade escolar na culminância.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Retomada	Professor(a), nestas três aulas, os alunos desenvolverão os produtos que serão apresentados na culminância. É importante que a cada início de aula você lembre o tempo que eles terão para isso.		
110 minutos	Dando vida à minha narrativa	Como cada grupo terá uma necessidade diferente, é importante que você transite entre os estudantes para ver como está o andamento dos projetos. Faça isso em todas as aulas. Pergunte o quanto eles avançaram e o quanto falta. Dê sugestões e ajude a mediar possíveis conflitos de ideias.		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
20 minutos	Organizando a qualificação	<p>Organize como será a qualificação dos alunos. Verifique:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ordem de apresentação dos grupos (você pode fazer um sorteio ou definir outro critério); 2. Tempo de apresentação; 3. Critérios que todos os grupos devem abordar (informações do cabeçalho da ficha de planejamento, por exemplo); 4. Quem assistirá à qualificação; 5. Materiais necessários para a apresentação (computador, projetor, etc.). <p>É bom ter em mente que cada grupo deverá ter um tempo de apresentação e um tempo para uma breve sessão de perguntas e respostas. Você deve considerar a soma desses dois momentos ao calcular quanto tempo cada grupo terá.</p>		





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 90 minutos - Ensino Médio

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
75 minutos	Apresentações dos alunos	Professor(a), conforme os combinados feitos na aula anterior, inicie a apresentação dos alunos. No material de apoio, deixamos um roteiro que pode ser utilizado na íntegra ou adaptado por você.		<ul style="list-style-type: none"> Anexo 21 – “Para o(a) professor(a): sugestão de perguntas para conduzir a qualificação”
15 minutos	Próximos passos	Explique para os alunos que eles terão mais um encontro presencial (aula 23) para trabalhar no produto de veiculação da narrativa. Depois disso, eles poderão continuar os trabalhos na construção da narrativa como tarefa de casa. A partir da aula 24, os alunos passarão a organizar o evento para o compartilhamento dos projetos com a comunidade escolar.		

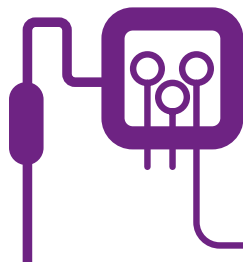
Para o(a) professor(a): sugestão de perguntas para conduzir a qualificação

Faça um resgate de como foi chegar a essa produção:

1. Como foi o processo de escolha das narrativas?
2. Como foi decidido o melhor formato de compartilhamento da narrativa?
3. Como foi feita a distribuição das tarefas?
4. O planejamento foi fácil ou difícil de ser executado?
5. Todos estão de acordo com o cronograma de finalização do projeto?

Faça perguntas sobre o projeto em si:

1. O que ainda falta para o projeto ficar pronto?
2. Como o grupo vai se organizar para isso?
3. Esse projeto vai precisar de organização para continuar vivo depois da Mostra (por exemplo, deverá ser alimentado, como acontece com um blog ou um podcast)?
4. O projeto exige alguma etapa que envolva burocracia (pedidos de autorização de uso de espaço, ou entrevistas, por exemplo)?
5. Como o grupo fará referência às fontes pesquisadas?



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

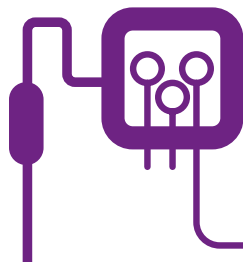
Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

Aula 23

Aprimorando o projeto

Objetivos: analisar e aprimorar o produto que será apresentado à comunidade escolar na culminância.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Retomada	Professor(a), esta aula seguirá a mesma dinâmica das aulas 18, 19 e 20, servindo para que os alunos analisem e aprimorem os produtos que serão apresentados na culminância.		
40 minutos	Dando vida à minha narrativa	<p>Como cada grupo terá uma necessidade diferente, é importante que você transite entre os estudantes para ver como está o andamento dos projetos.</p> <p>Pergunte sobre as principais mudanças e o quanto falta. Dê sugestões e ajude a mediar possíveis conflitos de ideias.</p> <p>Peça que os alunos registrem em seus diários essas experiências.</p>		



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 90 minutos - Ensino Médio

Aulas 24 e 25

Culminância:
planejando
a Mostra
Narrativas
Digitais

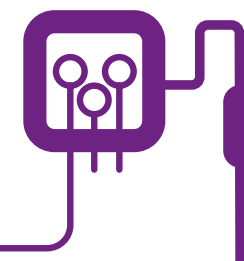
Objetivo: planejar o evento de divulgação/difusão dos projetos elaborados na eletiva.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	Professor(a), organize a sala em formato de U para que todos consigam ver a cartolina/ <i>flipchart</i> .		
30 minutos	Tempestade de ideias	<p>Chegou o momento de planejar o evento de culminância. Os estudantes devem pensar em como será a Mostra, considerando o máximo de detalhes possível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Mostra ocupará todo o ambiente escolar ou só uma parte dele? • Como será feita a sinalização do espaço? 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartolina ou <i>flipchart</i> e canetões • Fita crepe 	

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<ul style="list-style-type: none"> • A Mostra contará com alguma estratégia virtual (transmissão ao vivo, por exemplo)? • Haverá comes e bebes? • Quem serão os responsáveis por funções que não têm relação com o projeto (recepcionar as pessoas e encaminhá-las aos locais certos, ser mestre de cerimônia, cuidar de iluminação, som, etc.)? • Como será feita a divulgação do evento (panfleto, boca a boca, redes sociais, uma hashtag específica, QR Code, etc.)? • Como vocês conseguirão avaliar o sucesso do evento (quantidade de participantes, livro de recados, questionário de participação, etc.)? • Vocês convidarão pessoas de fora para participar? Se sim, é necessário comprar algum presente de participação? • Farão alguma lembrancinha para os visitantes? <p>De acordo com o que vocês forem decidindo fazer, anote (ou eleja um aluno para anotar) todas as respostas dadas pelo grupo na cartolina ou no <i>flipchart</i>. Depois, fixe essas anotações com fita crepe em algum lugar visível, para que vocês possam acompanhar essas ideias conforme forem organizando a Mostra.</p>		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
15 minutos	Dividindo as responsabilidades	<p>Agora que o mapa da Mostra está feito, crie comissões para planejar como ela sairá do papel. Algumas dessas comissões podem ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Espaço físico: pessoas encarregadas de conversar com os responsáveis, fazer a sinalização para os convidados, organizar o espaço destinado para cada projeto, etc.; • Comunicação prévia: convites, contato com a mídia local (jornal do bairro, blogueiros, bibliotecas, etc.); • Registro no dia: fotografia e filmagem do evento, <i>livestreams</i>, fotos dos trabalhos prontos, registro dos grupos/equipes, entrevistas dos convidados e visitantes; • Tecnologia: música ambiente, microfone, iluminação; • Comes e bebes: contato com fornecedores de alimentação (cantina, pais de alunos, comércio local, entre outros). <p>Deixe que os alunos façam parte da comissão que tenha mais relação com as suas habilidades.</p>		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		Peça que eles já pensem em formas de realizar essas tarefas e que tragam ideias para o planejamento que será feito na próxima aula.		
25 minutos	Planejando a prática	<p>Professor(a), peça que os alunos se organizem em suas comissões e lhes entregue uma cópia do anexo 25.</p> <p>Peça que se organizem de acordo com as ações estabelecidas na aula anterior (deixe a cartolina/<i>flipchart</i> visível) e diga que eles apresentarão os resultados de seus planejamentos no fim da aula, com o objetivo de verificar se as ações de todas as comissões estão alinhadas.</p> <p>Enquanto eles elaboram o planejamento, passe de grupo em grupo para ver se precisam de ajuda.</p>		<ul style="list-style-type: none"> Anexo 25 – “Guia de planejamento do projeto da Mostra Digital”
20 minutos	Alinhando o planejamento	Peça que cada comissão apresente o seu planejamento e alinhe o que for preciso.		

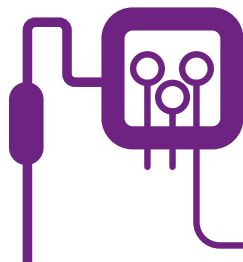




Guia de planejamento do projeto da Mostra Digital

Guia de planejamento do projeto da Mostra Digital

Integrantes da comissão:						
Nome da comissão:						
Ações: <i>(O que fazer?)</i>	Responsáveis: <i>(Quem vai fazer?)</i>	Prazos: <i>(Até quando pode ser feito? Será feito antes ou no dia do evento?)</i>	Recursos: <i>(O que é preciso para ser feito?)</i>	Espaço: <i>(Quais serão os espaços envolvidos?)</i>	Avaliação: <i>(Como saber que deu certo?)</i>	Observações: <i>(Há algo que ficou faltando ou que precise ser observado?)</i>



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 90 minutos - Ensino Médio

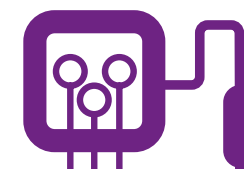
Aulas 26 e 27

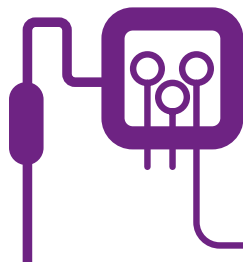
Culminância:
preparando
a Mostra
Narrativas
Digitais

Objetivo: preparar materiais, espaços físicos e digitais, e tudo o que envolve o evento para a realização da Mostra.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
5 minutos	Recapitulando	Professor(a), é importante relembrar com os alunos o que foi discutido e ver se eles têm alguma dúvida sobre o que deve ser feito e como.		
65 minutos	Planejamento em prática	<p>Direcione as comissões para as tarefas práticas. Se alguma delas tiver terminado os seus trabalhos, redistribua as tarefas, de modo que todos se ajudem.</p> <p>Em paralelo, certifique-se de que todos os grupos/duplas finalizaram os últimos detalhes dos projetos, de acordo com o que foi apontado na qualificação e na aula seguinte à qualificação.</p>		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
20 minutos	Acertando os detalhes	<p>Use o fim da aula 27 para acertar os detalhes finais. Verifique:</p> <ul style="list-style-type: none">• Ainda falta algum material? Há algum problema para ser resolvido até o momento da Mostra?• Todos os alunos entenderam quais serão as suas funções no evento?• Todos sabem os horários de chegada e saída da Mostra? Participarão da Mostra como um todo ou só de um período?		





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

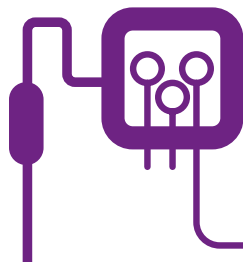
Disciplina eletiva - 90 minutos - Ensino Médio

Aulas 28 e 29

Culminância:
realizando
a Mostra
Narrativas
Digitais

Objetivos: executar o planejamento de um evento cultural. Vivenciar o compartilhamento da produção de uma narrativa cultural. Acompanhar o público em contato com as diversas narrativas produzidas. Compartilhar experiências.

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
10 minutos	Preparação para a Mostra	Professor(a), encontre-se com os alunos e transmita uma palavra de apoio e confiança. Aproveite para se certificar de que todo o planejamento está caminhando conforme o esperado. Verifique se todos os estudantes estão presentes. Faça ajustes, caso necessário.		
80 minutos	Apresentação	Incentive os alunos a explicar os seus trabalhos para os visitantes. Como orientador(a), passe nos espaços e observe de que forma os alunos estão compartilhando os trabalhos. Dê o apoio necessário ao longo das apresentações de cada dupla/grupo.		



PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 90 minutos - Ensino Médio

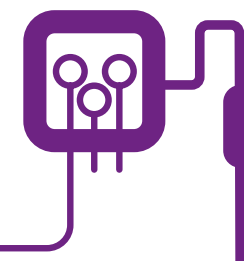
Aulas 30 e 31

Avaliação
da Mostra e
dos projetos
apresentados

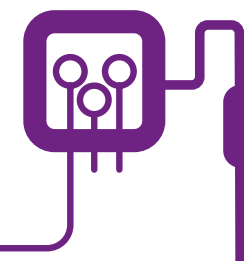
Objetivos: organizar o que foi produzido na Mostra de modo a fazer um retrospecto do que foi o evento. Avaliar os impactos da Mostra para a comunidade escolar. Avaliar o recebimento do projeto pelo público.

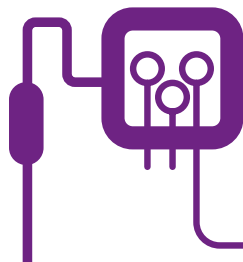
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
	Antes da aula	Prepare a sala em formato de U para que todos possam conversar e se ver no primeiro bloco da aula.		
15 minutos	Acolhimento	<p>Professor(a), chegou o momento de acolher os alunos depois do evento. Use o primeiro bloco da aula para ouvir como foi a experiência do evento em si. Algumas perguntas norteadoras podem ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Mostra foi coerente com o que foi planejado? Foi melhor ou pior? • Como você se sentiu ao ver o evento acontecer? 		

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<ul style="list-style-type: none"> • Quais foram os retornos que os visitantes deram? • Houve algum momento marcante ou emocionante? Qual? • O que vocês fariam de diferente? 		
75 minutos	Organizando os materiais	<p>Peça que os alunos se reúnam nas suas comissões (ou, se achar melhor, redistribua-os em pequenos grupos) e solicite que organizem o material coletado na Mostra – fotos, vídeos, depoimentos, dados (quantidade de visitantes, de interações, etc.) – e decidam o que fazer com essas informações. Alguns caminhos são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar um relatório de acertos e erros, com dicas para o próximo grupo que for participar da eletiva; • Publicar fotos e vídeos nas redes sociais; 		



Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		<ul style="list-style-type: none"> • Escrever e enviar uma mensagem de agradecimento aos convidados; • Fazer um relatório para a administração da escola; • Escrever uma reportagem de como foi o evento e enviá-la para algum órgão de imprensa; • Etc. <p>Assim como aconteceu ao longo da eletiva, caminhe entre os grupos para tirar dúvidas e ajudá-los a realizar a tarefa no tempo previsto.</p>		
	Em casa	Peça que os alunos anotem as reflexões sobre esse processo nos seus diários.		





PLANOS DE AULA DETALHADOS

MATERIAIS DE APOIO

Narro, logo existo!

Disciplina eletiva - 45 minutos - Ensino Médio

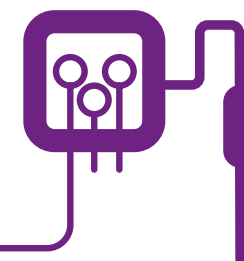
Aula 32

Avaliação da eletiva

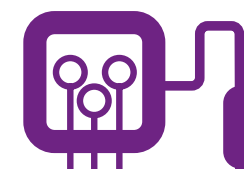
Objetivos: analisar a trajetória pessoal na eletiva. Compreender a própria curva de aprendizagem. Estabelecer planos para o futuro.

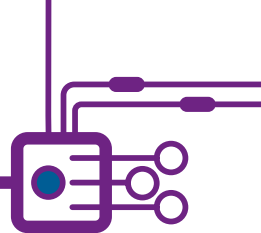
Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
20 minutos	O grupo como narrativa	<p>Professor(a), inicie a aula fazendo um breve retrospecto para resgatar as etapas que a eletiva teve.</p> <p>Para isso, escolha fotos dos momentos-chave e as projete para os alunos, repassando os principais aprendizados. Aproveite este momento para valorizar o desenvolvimento de cada estudante. Não foque só a produção em si, mas também as habilidades (aquele aluno tímido que conseguiu falar em público, aquele que sempre estava inseguro e tomou a liderança, etc.). Este é o momento de ressaltar todas as grandes descobertas, os novos conhecimentos adquiridos e a construção de vínculos tanto entre eles quanto com as pessoas que foram prestigiar a culminância.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fotos e vídeos das aulas da eletiva • Computador e projetor • Opcional: gravador de áudio ou de vídeo 	

Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
		Abra espaço para os alunos que queiram compartilhar suas experiências individuais na eletiva. Se julgar interessante, grave esta conversa para compartilhá-la com os alunos que cursarão a eletiva no futuro.		
15 minutos	Refletindo para seguir em frente	<p>Peça que cada aluno preencha o anexo 32. Deixe claro que essa avaliação é parte do processo de reflexão individual e um modo formal de contribuir para a melhoria da eletiva para os próximos grupos. Peça-lhes que sejam sinceros.</p> <p>Para facilitar a análise dos dados, sugerimos que você coloque o anexo 32 em uma plataforma on-line (como Formulários Google ou JotForm) e habilite a opção dos alunos receberem uma cópia das suas respostas por e-mail (assim eles poderão guardar o que disser respeito à autoavaliação).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Computadores com acesso à internet 	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 32 – “Formulário de avaliação” • JotForm: https://www.jotform.com/ • Formulários Google: https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/



Duração	Ação	Procedimento	Recursos	Material de apoio
10 minutos	Até breve!	<p>Professor(a), apresente o feedback do processo em relação ao grupo, de modo a fazer o encerramento da oficina. Se quiser, deixe as portas abertas para que eles continuem entrando em contato.</p> <p>Incentive-os a continuar usando o diário como forma de coletar experiências e partilhar novas histórias. Encoraje todos a continuar se colocando perante o mundo. Que o fim da eletiva signifique apenas um "até breve", porque vocês podem e devem continuar lendo, vendo e ouvindo as narrativas uns dos outros!</p>		





Formulário de avaliação da eletiva Narro, logo existo!

Instruções: professor, quando for elaborar este questionário em uma plataforma on-line, marque as questões como preenchimento obrigatório, assim você não corre o risco de ficar sem algum dado.

Avaliação da eletiva

Nome:

Turma:	Data:		
1. Sobre a minha trajetória, de um modo geral:	Regular(es)	Boa(s)	Ótima(s)
a. A realização das minhas atividades em sala foi...			
b. A realização do que era para ser feito em casa foi...			
c. A minha postura nos trabalhos em grupo foi...			
d. A minha comunicação com o(a) professor(a) foi...			
e. A minha comunicação com os colegas de turma foi...			
f. A minha assiduidade e pontualidade durante as aulas foram...			
2. Sobre o meu aprendizado:		Sim	Não
g. Eu adquiri novos conhecimentos			
h. Eu desenvolvi novas habilidades			
i. Eu me sinto mais preparado(a) para novos desafios			
j. Acho que a eletiva contribuiu para a minha vida pessoal			
k. Acho que a eletiva contribuiu para a minha vida profissional e acadêmica			
l. Quero seguir com o meu projeto fora da eletiva			
m. Quero levar os aprendizados desta eletiva para outras áreas da minha vida			
n. Quero continuar estudando sobre criatividade e processos criativos			
o. Quero continuar estudando sobre formas de usar a tecnologia para compartilhar narrativas			

Referências:

ALVES, Taíses Araújo da Silva. **Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas escolas: da idealização à realidade**: estudos de casos múltiplos avaliativos realizados em escolas públicas do ensino médio do interior paraibano brasileiro. Dissertação (mestrado em Ciências da Educação). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/1156>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: jun. 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

HABILIDADES socioemocionais: como elas impactam no futuro? **Escola da Inteligência**. 4 set. 2017. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/habilidades-socioemocionais-como-elas-impactam-no-futuro/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Terra e Paz, 2002.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO; INSTITUTO CONHECIMENTO PARA TODOS – IK4T; PROGRAMAÊ!. **Práticas pedagógicas**: a cultura digital na resolução de problemas – Ensino Médio. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo, 2020. [Livro eletrônico]. Disponível em: <http://fundacaotelefonicavivo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/Cadernos.Programae.3.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios.

GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista**: ... e tenha uma vida mais criativa e produtiva. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

KLEON, Austin. **Roube como um artista**: 10 dicas sobre criatividade. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATOS, João Filipe. **As Tecnologias de Informação e Comunicação na formação inicial de professores**. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. [S. d.]. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/jfmatos.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SCHNEIDERS, Luís Antônio. **O método da sala de aula invertida (flipped classroom)**. Lajeado: Ed. da Univates, 2018. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/256/pdf_256.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

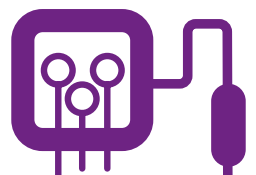
SILVA, Luiz Gustavo. Google Sala de Aula: o que é e como funciona. **Vai de Bolsa**. 4 out. 2019. Disponível em: <https://vaidebolsa.com.br/google-sala-de-aula/>. Acesso em: 26 nov. 2020.

TERUYA, Ayumi. A Jornada do Herói. **Projeto Escrita Criativa**. 19 fev. 2020. Disponível em: <http://projetoescritacriativa.blogspot.com/2020/02/a-jornada-do-heroi.html>. Acesso em: 7 nov. 2020.

TERUYA, Ayumi. Escrevendo um romance: a psicanálise por trás da Jornada do Herói. **Projeto Escrita Criativa**. 25 mar. 2020. Disponível em: <http://projetoescritacriativa.blogspot.com/2020/03/escrevendo-um-romance-psicanalise-por.html>. Acesso em: 7 nov. 2020.

WOLFF, Jurgen. **Your creative writing masterclass**. London, Boston: Nicholas Brealey Publishing, 2011.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Narrativas Digitais [Livro eletrônico]

Narro, logo existo! Registrar meu mundo e construir histórias.

[Organização] Fundação Telefônica Vivo.

-- 1. ed. -- São Paulo: Instituto Conhecimento para Todos - IK4T, 2021. --
(Coleção de Tecnologias Digitais; 1) PDF

ISBN 978-65-992092-3-9

1. Cultura digital
 2. Educação permanente
 3. Prática de ensino
 4. Professores – Formação
 5. Tecnologia educacional
 6. Tecnologia digital
- I. Fundação Telefônica Vivo. II. Série.

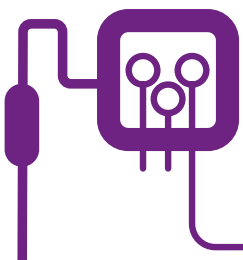
21-55232

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Narrativas Digitais: Formação de professores:
Educação 370.71

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964





FUNDAÇÃO
TELEFÔNICA
vivo

fundacaotelefonicavivo.org.br



Acompanhe a Fundação Telefônica Vivo pelas redes sociais:

 [fundacaotelefonicavivo](https://www.facebook.com/fundacaotelefonicavivo)

 [@fundacaotelefonicavivo](https://www.instagram.com/fundacaotelefonicavivo)

 [fundacaotelefonicavivo](https://www.youtube.com/fundacaotelefonicavivo)

 [@FTelefonicaVivo](https://twitter.com/FTelefonicaVivo)

```
0001100010001  
0101010010001  
0010001000100  
1000101011001  
0010010001010
```